



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS AGRÍCOLAS

RELATÓRIO FINAL DO ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO

Clara Almeida de Albuquerque

Recife

2020

CLARA ALMEIDA DE ALBUQUERQUE

RELATÓRIO FINAL ECO

Relatório apresentado para avaliação do estágio curricular do Curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas da UFRPE como requisito para a conclusão do curso

Orientadoras do estágio e relatório:

ECO I – Prof.^a Gilvânia de Oliveira Silva de Vasconcelos

ECO II – Prof.^a Andréa Alice da Cunha Faria

ECO III – Prof.^a Maria Elizabete Pereira dos Santos

Recife

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A345r

Albuquerque, Clara Almeida de

Relatório final do estágio curricular obrigatório / Clara Almeida de Albuquerque. - 2020.
52 f.

Orientadora: Maria Elizabete Pereira dos Santos.
Inclui referências, apêndice(s) e anexo(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Ciências Agrícolas, Recife, 2020.

1. formação de professores. 2. estágio. 3. docência. I. Santos, Maria Elizabete Pereira dos, orient. II. Título

CDD 630

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho para quem compartilhar das mesmas inquietações que eu, para os que duvidem das verdades inquestionáveis ensinadas e impostas, para quem acredite que existem outros caminhos para a vida, relações sociais e para a produção animal e vegetal. Por fim, para quem se disponha a refletir criticamente, por mais que seja um caminho mais árduo e às vezes frustrante, sobre o mundo, sociedade e sobre sua própria prática, esta última a tarefa mais difícil de todas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me apoiaram e assim permitiram que eu pudesse cursar uma segunda graduação simultaneamente à Medicina Veterinária.

Agradeço a Maysa, que me convenceu a me inscrever na seleção do LA, no último dia do último processo seletivo, e por ter me acompanhado em tantas viagens de volta para casa com a cabeça fervilhando por novas discussões: Sem você, eu não teria descoberto esse novo mundo que a Licenciatura em Ciências Agrícolas me proporcionou.

Agradeço a todos os colegas de curso, em especial aos da turma 2019.2, com os quais pude compartilhar quase três anos de aprendizados imensos, e aos da turma 2020.1, que se formarão comigo e me acolheram tão bem. Foi fundamental conhecer e conviver com pessoas vindas de cursos tão distintos: Nada como um grupo tão variado de estudantes e profissionais de áreas diversas para provar como a multidisciplinaridade é essencial. Aprendi muito com suas práticas, experiências e visões de mundo.

Agradeço também aos mestres do LA e do CODAI, que não apenas inspiraram e serviram de exemplo para meu caminho como educadora, mas também me fizeram refletir sobre meu papel no mundo como cidadã, como educadora e como médica veterinária.

Por fim, agradeço a Raul e à minha família: sem vocês, talvez eu não tivesse chegado até o fim do curso. Só tenho a agradecer.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. DESENVOLVIMENTO.....	08
2.1 Formação de Educadores.....	08
2.2 Prática docente.....	10
3. ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO.....	12
3.1 Estágio curricular obrigatório I.....	12
3.1.1. Diagnóstico do Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas – CODAI..	12
3.1.1.1. Caracterização geral do CODAI.....	12
3.1.1.2. Projeto da Unidade Educativa.....	16
3.1.2. Laboratório de ensino	19
3.1.2.1. Laboratório de Clara Almeida.	19
3.1.2.2. Laboratório de Milena Lima.	20
3.1.2.3. Laboratório de Juliana Barros.	21
3.1.2.4 Laboratório de Géssica Silva.	22
3.1.2.5 Laboratório de Tuanny Araújo.	22
3.1.2.6 Laboratório de Maysa Queiroz.	23
3.1.2.7 Laboratório de Carlos Lima.	23
3.1.2.8. Laboratório de Rubia de Melo.	23
3.1.2.9. Laboratório de Adalberto Silva	24
3.1.2.10 Laboratório de Maria Lins	24
3.2 Estágio curricular obrigatório II	25
3.2.1 CODAI	25
3.2.2. Laboratórios de ensino	28
3.2.2.1 Laboratório de Adalberto Silva	29
3.2.2.2 Laboratório de Clara Almeida	29
3.2.2.3 Laboratório de Maria Lins	30

3.2.2.4 Laboratório de Tuanny Araújo	31
3.3 Estágio curricular obrigatório III	31
3.3.1 Observação de aula, por videoconferência ou aula gravada, dos colegas levantando os problemas evidenciados	31
3.3.2 Entrevistas com os estudantes da escola	32
3.3.3 Regências de aulas	33
3.3.4 Atividades Assíncronas	33
3.3.4.1 Fazendo parte de uma banca avaliadora	33
3.3.4.2 Entrevista	34
3.3.4.3 Avaliando um plano de aula	35
3.3.4.4 Avaliação de aula	36
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
5. CRÍTICAS SOBRE A EXPERIÊNCIA VIVENCIADA POR MEIO DO ENSINO REMOTO	37
6. SUGESTÕES.....	38
7. REFERÊNCIAS.....	39
8. ANEXOS.....	42
ANEXO A - Plano de aula de Milena Lima	41
ANEXO B - Plano de aula de Juliana Barros	42
ANEXO C - Plano de aula de Gêssica Silva	42
ANEXO D - Plano de aula de Tuanny Araújo	43
ANEXO E - Plano de aula de Maysa Queiroz	43
ANEXO F - Plano de aula de Carlos Lima	44
ANEXO G - Plano de aula de Rubia de Melo	44
ANEXO H - Plano de aula de Adalberto Silva	45
ANEXO I - Plano de aula de Maria Lins	45
ANEXO J – Plano de aula de Maria Lins do ECO II	46
9. APÊNDICES.....	47
APÊNDICE A - Plano de aula de Clara Almeida.....	47
APÊNDICE B - Itinerário pedagógico de Clara Almeida	48

APÊNDICE C - Plano de aula de Clara Almeida do ECO II	49
APÊNDICE D – Plano de aula de Clara Almeida do ECO III	50

1. INTRODUÇÃO

O Estágio Curricular Obrigatório (ECO) do curso de licenciatura em ciências agrícolas da UFRPE tem como objetivo desenvolver competências técnica, política, ambiental e humana que viabilizem ao futuro profissional da educação desenvolver a docência de forma crítica e comprometida com a realidade educacional e socioambiental. O Estágio Curricular Obrigatório apresenta carga horária total de 405 horas, composta por três disciplinas: Estágio Curricular I (90h), Estágio Curricular II (105h) e Estágio Curricular III (210h). As atividades são desenvolvidas tendo por base, predominantemente, a educação formal, com ações de diagnóstico da realidade escolar, Observações de aulas, planejamentos de aulas, laboratórios de ensino, pesquisas na escola, relatórios parciais e, após vários exercícios e reflexões sobre a prática pedagógica, culminamos com identificação e discussão sobre problemas identificados para ministrar as aulas remotas, regências de aulas com avaliações e dificuldades, atividades assíncronas e relatório final.

O estágio foi desenvolvido na escola Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas. As regências de aulas, foram ministradas na área de agroindústria, sob a supervisão do professor Dijaci Araújo Ferreira.

As atividades foram desenvolvidas de comum acordo com as escolas colaboradoras, a UFRPE e os estagiários.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Formação de Educadores

Para Quadros (2005), a formação da identidade de professor se dá também no seu dia-a-dia em sala de aula e nas ideias do que é ser professor aprendidas durante toda sua vida escolar e acadêmica, o que reflete em sua práxis. Assim, um licenciado, mesmo estudando de forma crítica o ensino e as teorias de aprendizagem pode ter uma postura de ensino tradicional, visando transmissão de conhecimento, se foi essa a idéia do ser professor construída por ele quando estudante. Dessa maneira, refletimos sobre como até mesmo a formação crítica por vezes não resulta em docentes que visam transformar as realidades.

A formação dos professores acontece a partir de escolhas ideológicas a respeito da sociedade e ser humano e para cada ideologia a escola e os professores(as) terão um papel diferente, bem como o cidadão que se deseja formar. Uma sociedade que deseja pessoas críticas, tolerantes a outras realidades e cooperativas não pode formar professores(as) que promovam intolerância, competitividade e o conformismo. Assim, a formação dos professores(as) depende muito das relações de força das lutas políticas e de recursos econômicos, porém, a discussão a respeito é capaz de criar alternativas a partir do debate. (PERRENOUD, 2009).

Essa discussão é abordada em nossa formação e por isso, um dos pontos principais de nossos laboratórios de ensino, abordado com mais detalhes no ponto 3.1.2, foi a reflexão crítica gerada a partir do tema da aula. Temos a consciência de que todas as aulas sempre têm um posicionamento político, e que a suposta falta de posicionamento também se trata de um, e por isso achamos importante refletir sobre que sociedade queremos gerar e estimular o senso crítico de nossos alunos(as), bem como a contextualização com nossa realidade.

Para a educação como emancipação é necessária a filosofia e história para a formação dos professores(as) para que exista a reflexão sobre as realidades, diferentemente das concepções que colocam a educação como forma de preparar os jovens para a sociedade competitiva, meramente os apropriando de conhecimentos técnicos, situação na qual se naturaliza a realidade social. Por outro lado, é essencial lembrar do contexto institucional, pois a visão individual professor(a)-aluno(a) é extremamente limitada, culpabilizando ou professor ou aluno pelo fracasso devido às

dificuldades no processo ensino-aprendizagem. Assim, a qualidade do ensino escolar não pode ser resolvida apenas pela substituição de um método de uma teoria de aprendizagem por outra. (PATTO, 2004)

Em relação ao CODAI, sabemos que a instituição não fornece formação continuada em pedagogia, como será melhor abordado no ponto 3.1.1.1, e alguns, os bacharéis que ensinam aos cursos técnicos, não tiveram essa formação pedagógica durante a graduação. Com isso, se questiona a criticidade em suas práticas educativas, se não há uma formação que promova uma reflexão sobre o papel da educação, em transformar a sociedade ou manter o *status quo*.

Segundo Marcondes e Tura (2004), em uma entrevista com um grupo de 127 professoras em um curso de formação de professores em nível superior, as professoras relataram a importância de suas primeiras experiências devido ao choque de realidade que sofreram com as turmas tidas como as piores da escola, revelando que os conhecimentos adquiridos em seus cursos de formação não foram suficientes, visto que apresentam a sala de aula de forma idealizada, com turmas homogêneas em relação a idades e a níveis cognitivos. Algumas educadoras relataram que:

[...] investiram em “maior dedicação ao trabalho”, no “conhecimento dos interesses e necessidades de seus alunos e alunas” e na aplicação de “metodologias mais ativas”. Além disso, destacaram a ajuda de outros profissionais no âmbito escolar [...] “se não fosse minha orientadora, eu teria desistido do magistério” (MARCONDES & TURA, 2004, p. 202).

Essa falta de conexão da realidade também é motivo do fracasso das metodologias, programas e reformas escolares e por isso, ao invés de apenas uma reflexão sobre o papel do professor, é necessário conhecer os problemas e limitações dos docentes (PERRENOUD, 2009).

Por outro lado, a realidade vivenciada no estágio pelo docente em formação possibilita a reflexão entre a teoria e prática, lembrando que o estágio se trata simultaneamente de uma atividade teórica e prática, indo muito além da ideia de que se limita à parte prática do curso. No entanto, é importante salientar que o estágio não garante essa formação reflexiva, pois há concepções de estágio que não visam a reflexão crítica a respeito da formação docente, do ambiente escolar e dos processos que acontecem no dia-a-dia em sala de aula, resumindo o ensino a uma imitação de modelos (GOMES & RAYMUNDO, 2015).

Patto (2004) cita a ilusão da inclusão, na qual mesmo com a maioria das crianças estando dentro da escola, não houve mudanças estruturais na sociedade, com o mesmo modo de produção, privilégios da classe dominante e com assistencialismo destinado a diminuir a tensão entre as classes sociais. A principal dificuldade, assim como o maior motivo de desistência dos alunos no CODAI de acordo com os professores(as), gestores e alunos(as) é a falta de dinheiro para passagem e alimentação, devido à condição socioeconômica dos alunos(as).

2.2 Prática docente

O saber docente vai muito além do conhecimento do assunto ensinado, também tratando do saber-fazer que assegura o aprendizado dos alunos do que é determinado pelas diretrizes curriculares. A prática docente envolve aspectos múltiplos e complexos e por isso não pode ser tratada como uma ação meramente técnica, fazendo também o papel de tradução e difusão do conhecimento durante sua mediação e agindo como catalisador dos processos que ocorrem na escola (DA CRUZ, 2007).

Questiona-se o fato de ser dada pouca importância à figura do professor quando se fala em propostas curriculares, sendo que se trata do ator principal e a figura responsável por colocá-las em prática no contexto de sala de aula. Mesmo que os curriculistas e os representantes e proponentes das políticas públicas tenham interesse na participação dos professores no processo de concepção, implantação e implementação das propostas, suas estratégias não são o suficiente para colocar a realidade das salas de aula, vivenciada pelos professores, como ponto de partida desse processo. Por não colocarem a prática docente no centro do processo, há uma grande dificuldade na implementação das reformas curriculares (DA CRUZ, 2007).

Um aspecto muito importante da prática docente, de acordo com Castro et al. (2008) é o planejamento, que vai muito além do ato de se organizar, servindo como um norte para a tomada das decisões e para resolução de problemas. No período da Ditadura Militar (1964-1985), o planejamento foi utilizado como uma forma de delimitar o que seria ensinado, impedindo o trabalho crítico e reflexivo que pudesse problematizar a educação e sociedade. Em decorrência disso, havia muita resistência dos educadores com a elaboração dos planos. No entanto, atualmente o planejamento não tem mais essa função reguladora.

Para a autora, professores que negligenciam o planejamento, improvisam suas atividades e que acreditam que apenas sua experiência como professor seja o suficiente para suas aulas, não conseguem atingir o objetivo de formar cidadãos, visto que apenas estão preocupados em ministrar conteúdos e desconhecem a importância e objetivos do planejamento e desconsideram a realidade das comunidades e suas necessidades. Os professores precisam parar de ver o ato de planejar como uma mera burocracia e passar a se questionar sobre o tipo de cidadão que se deseja formar, lembrando que ambos os lados político e técnico são muito importantes, devendo ser muito bem pensados e não priorizando um em detrimento do outro (CASTRO et al., 2008).

Para elaborar o plano de aula, deve-se conhecer seus alunos e seus contextos sociais, a metodologia mais adequada às disciplinas e conhecer sua própria personalidade como professor. Assim, o professor pode escolher as estratégias que melhor se adequem. Além disso, o plano de aula deve estar organizado de modo ao aluno perceber a importância do que está sendo ensinado para sua vida (CASTRO et al., 2008)

Esteve (2009) fala sobre a necessidade de se adaptar às mudanças sociais que ocorrem durante a atuação de um docente, seja devido a mudanças nas concepções sociais a respeito da educação, seja devido a mudanças no próprio ambiente escolar. Apesar da formação apenas abranger a atividade de ensinar, demanda-se dos professores que sejam para além disso, facilitadores do aprendizado, pedagogos eficazes e que cuidem do equilíbrio psicológico e afetivo, integração social e sua formação sexual, entre outras atribuições. Com isso, surge um grande debate a respeito das atribuições docentes bem como sua formação.

Além disso, a educação deve atender a uma pluralidade de demandas, de alunos de classes sociais diferentes e culturas variadas. A aparição de outras fontes de conhecimento como a Internet têm forçado o professor a deixar seu papel de transmissor de conhecimento, visto que os alunos podem comparar a informação recebida. Assim, o professor deve combinar o uso dessa fonte de pesquisa com as ferramentas audiovisuais (ESTEVE, 2009). Rolando et al. (2015) em uma pesquisa com 186 professores de Química do Rio de Janeiro, obtiveram que 92% dos professores de escola pública e 95% de escola particular têm acesso a internet, desses, todos utilizam e-mails e 99% usam uma ferramenta de busca. 77% não usam a internet para estudar, e dentre os que usam, 48% usam apenas ferramenta de pesquisa e *downloads*.

Os recursos audiovisuais na área de química são aplicativos ou vídeos pouco atrativos para os alunos por não permitirem interação e que para a criação de aplicativos

mais adequados seriam necessários maior financiamento e interesse acadêmico. No entanto, para o autor, as universidades brasileiras, que poderiam dar esse incentivo para os estudantes de licenciatura, vêm esses recursos inovadores com preconceito e resistência. Por fim, é necessário pensar sobre a disponibilidade de tempo e motivação dos professores em utilizar novas tecnologias. (ROLANDO et al., 2015)

Alves-Mazzotti e Wilson (2016) fizeram uma pesquisa em uma escola na região serrana do Estado do Rio de Janeiro com professores de turmas com alto índices de alunos repetentes e grande defasagem entre a idade dos alunos e a série. Para os professores, os problemas institucionais, econômicos e culturais causam o fracasso dos alunos com dificuldades e podem levar aos professores um distanciamento do problema, passando a não ver sua parcela de responsabilidade. Também foi observado que os alunos repetentes ficam isolados do restante da turma e não têm sua participação encorajada, por vezes sendo desencorajados pelos professores. Estes aparentam não ter consciência da diferença de tratamento que dão aos alunos e das repercussões e caso sejam alertados, é possível reverter seu comportamento. No entanto, também é necessário uma transformação no sistema escolar de modo que as demandas dos professores e alunos sejam atendidas.

3. ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO

3.1 Estágio curricular obrigatório I

3.1.1. Diagnóstico do Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas - CODAI

Neste capítulo será feita uma análise crítica da escola, comparando as informações obtidas por meio de conversas informais, entrevistas e o Projeto Político Pedagógico da instituição. O intuito do diagnóstico da instituição é o de conhecer melhor o CODAI e poder desenvolver uma visão crítica da realidade e dos processos, visto que o docente em formação precisa conhecer a realidade em sua formação ao invés de ser preparado para uma sala de aula homogênea e irreal.

3.1.1.1. Caracterização geral do CODAI

O CODAI se situa no município de São Lourenço da Mata dividido em dois *campi*, localizados nos bairros Centro e Tiúma. A instituição surgiu em 1936, se vinculando à UFRPE em 1958 e recebendo o nome de Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas em 1968 em homenagem a um dos monges beneditinos fundadores da Escola Superior de Agricultura de Pernambuco, em 1912, embrião da UFRPE. Em 1971, devido à inundação pela represa de Tapacurá, a escola precisou ser transferida para o Centro de São Lourenço da Mata (COLÉGIO AGRÍCOLA DOM AGOSTINHO IKAS, 2002), num prédio cedido pela prefeitura com a condição que o colégio fornecesse o ensino médio.

Esse prédio possui 9 salas de aula em funcionamento, uma biblioteca, duas salas de artes e três laboratórios: informática, microbiologia e mecânica. Em 2000 o CODAI recebeu uma doação de cerca de 34,7 hectares do grupo Votorantim, no bairro de Tiúma, onde ocorrem as aulas dos cursos técnicos. Nesse centro, são 12 salas de aula e laboratórios: um de desenho técnico, três de alimentos (carne, leite e panificação), um de químico-física, e a parte do Nucleo de Educação à Distância (NEAD). Também possui uma microdestilaria de cana-de-açúcar que ainda está na Estação Experimental de Carpina por não haver um lugar adequado no CODAI.

Não há refeitório e vestiário, a quadra está inativa desde maio de 2016 e suas telhas foram retiradas pela nova gestão por serem um grande risco, acabou se tornando um espaço vivência no qual podem até acontecer aulas de educação física, quando tiverem novamente um(a) professor(a). A acessibilidade se limita a uma rampa que chega a todos os andares na unidade do Centro, mas que está em mal estado de conservação. O transporte entre as duas unidades é por conta própria do(a) aluno(a), pois como dito pelo coordenador geral em entrevista, seria ilegal o uso de um ônibus circular entre as duas unidades visto que ambas ficam na área urbana. Os alunos(as) do médio integrado têm aulas teóricas na unidade do Centro e práticas na unidade de Tiúma e os alunos(as) dos cursos técnicos têm a maioria de suas aulas em Tiúma, exceto as de informática, que são na unidade do Centro.

A escola fornece presencialmente os cursos de ensino médio (seis turmas), técnico em agropecuária integrado ao ensino médio e os cursos técnicos em agropecuária, em alimentos e em administração empresarial e marketing, e um pós técnico com especialização em cana-de-açúcar (COLÉGIO AGRÍCOLA DOM AGOSTINHO IKAS, 2015). Na modalidade de educação à distância, a instituição fornece os cursos técnicos em alimentos, em açúcar e álcool e em administração (COLÉGIO AGRÍCOLA DOM AGOSTINHO IKAS, 2012).

Na instituição são 63 professores, todos com pelo menos o grau de mestre, sendo 35 homens e 28 mulheres (COLÉGIO AGRÍCOLA DOM AGOSTINHO IKAS, 2018); 19 técnicos, sendo destes 17 homens e 2 mulheres; 842 alunos, desses, 80% possuem uma renda *per capita* menor do que 1 salário-mínimo e nem todos destes recebem bolsas da escola. Há recurso para 264 bolsas mobilidade e 90 bolsas para auxílio na alimentação, fornecidas pelo Núcleo de Apoio ao Educando (NAE), que age como mediador entre alunos(as) e gestão. Há também o Programa de Bolsa para Alunos(as) Trabalhadores(as) (PBTAC) que trabalham durante meio-período no próprio CODAI, em sua maioria estudantes do ensino técnico.

Não há psicólogo, e quando os alunos(as) necessitam de um, procuram uma professora que tem essa formação, a diretoria, ou se for necessário, o Departamento de Qualidade de Vida (DQV) da UFRPE. Em relação aos professores(as), estes têm licença para realizar formações, assim como nas universidades, o que garante sua formação continuada na área técnica, mas não há uma formação pedagógica. Na instituição são 6 professores na área de linguagens e suas tecnologias, 4 na de matemática e suas tecnologias, 7 na área de ciências da natureza e suas tecnologias, 4 na área de ciências humanas e sociais aplicadas, 7 na área de gestão e negócios, 2 na área de gestão e comunicação, 12 na área de produção alimentícia e 22 na área de recursos naturais (COLÉGIO AGRÍCOLA DOM AGOSTINHO IKAS, 2018).

Cada curso técnico tem um professor escolhido pela própria área para ser o supervisor, mas não se trata de uma coordenação institucionalizada. Há a busca pela organização de uma coordenação para o ensino médio. A escola possui um grêmio estudantil, que, de acordo com a atual presidente, já conquistou fardamento gratuito, auxílio estudantil, uma parada de ônibus de linha próximo ao campus de Tiúma, e cota para ingresso na UFRPE (10% das vagas). Cada turma tem seu representante de sala, algo incentivado pelos professores(as) logo no primeiro ano, assim como fazer um e-mail da sala para o envio de materiais. Os representantes são adicionados em grupos de redes sociais para uma melhor comunicação e são convidados para os plenos, que são os espaços de discussão e debate, nos quais estão presentes professores(as) do médio, do técnico, alunos(as) e técnicos(as).

Acontecem conselhos de classe apenas para o ensino médio: foram dois em 2018 e pretendem fazer 4 em 2019, de acordo com uma professora entrevistada. Já o ensino técnico não tem conselhos de classe, apenas reuniões por área. Há recreios dentro do horário da grade apenas para o ensino médio, nos cursos técnicos é um acordo feito entre

cada professor(a) e sua turma. Há eventos pontuais, como o Setembro Amarelo; a Semana da Consciência Negra, na qual os alunos(as) fizeram uma exposição dentro da escola com imagens de personalidades negras que os inspiram em conjunto com uma atividade de língua estrangeira; a Feira de informações em Agropecuária e Conhecimentos Gerais na qual os alunos(as) apresentaram pôsteres; e um evento no qual os professores(as) mostraram aos pais as atividades que os alunos(as) realizam na escola.

Uma nova equipe assumiu a gestão 30 de setembro de 2018, após oito anos da gestão anterior, e pretendem realizar algumas reformas na unidade do Centro para a construção de um refeitório próximo à biblioteca, a retomada do uso dos canteiros abandonados para plantação de horta por alunos(as) do curso técnico integrado e o resgate de processos antigos do grêmio estudantil. A escolha dos dirigentes foi feita através de eleição em junho, após a formação de chapas e campanha. Nessas eleições votam alunos(as), professores(as) e técnicos(as). Segundo o relatado pelas professoras entrevistadas, as relações de poder são democráticas e os processos de decisão são coletivos, através da formação de comissões com os professores(as) interessados. O planejamento estratégico é repassado nos plenos, que acontecem mensalmente. Cada um tem uma pauta avisada previamente e podem ser acrescentadas outras pautas. Todos os processos precisam passar pelo Conselho Técnico Administrativo - CTA, que possui representantes dos professores(as) do ensino médio, do ensino técnico, dos alunos(as) e dos técnicos. Por fim, a participação dos pais no processo da gestão não é ativa, se resumindo aos encontros com a família e a escola.

O financiamento vem do governo federal através de duas fontes: uma que custeia as diárias, insumos, contratos continuados, que sofreu um corte de 2,2 milhões para 1,4 milhões, precisando de 900 mil de recurso da UFRPE, porém a estimativa para 2019 é de 2,7 milhões. A outra fonte são 400 mil reais do Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES, que custeiam as bolsas para os estudantes. O CODAI ainda depende muito financeiramente da UFRPE para fechar o ano e para a compra de equipamentos. A organização administrativa possui quatro cargos de direção: o diretor geral, a vice diretora (que possui atribuições e não apenas é uma eventual substituta), o diretor de ensino e o diretor administrativo.

De acordo com o diretor administrativo, em entrevista, o CODAI possui duas parcerias formais: com a secretaria do meio ambiente do município e com o gabinete da prefeitura para assim conseguir os estágios dos alunos do curso técnico em agropecuária e administração, em retorno, a escola daria apoio técnico nos assentamentos do município.

Além disso, de acordo com um professor da área da produção, em uma entrevista, cada professor tem suas parcerias não formais com propriedades privadas e com instituições para as aulas práticas dos estudantes, como o Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA), assim como eventos como a Exposição de Animais, Festa do Abacaxi e a Festa do Cavalo.

As visitas técnicas são custeadas pelo CODAI e a instituição possui dois ônibus, porém quando as turmas são muito grandes são utilizados os ônibus terceirizados do contrato da UFRPE, segundo o diretor. A quantidade de visitas depende do professor, e dependendo do local visitado as aulas práticas são conjuntas. Em uma conversa informal com uma aluna, esta disse que a escola realiza algumas atividades de reflorestamento durante a semana do meio ambiente e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) dos alunos na comunidade, mas sua atuação poderia ser mais expressiva. Também há projetos de extensão (que necessitam ser fortalecidos segundo o diretor) e ela afirma que a procura para o ingresso na instituição é muito grande e que geralmente o número de inscritos é duas ou três vezes maior que o número de vagas. Uma professora entrevistada disse que a quase totalidade dos alunos(as) reside em Camaragibe ou em São Lourenço, o que dialoga com o dito pelo diretor em entrevista, que o principal aspecto da relação comunidade-escola seria a possibilidade de se formar com qualidade em uma escola federal e ser direcionado para o ensino superior.

A falta de refeitório, vestiário, quadra, transporte entre as unidades e psicólogo dificulta a permanência dos alunos na instituição, principalmente pela ausência de auxílios para todos os alunos(as) que necessitam. Por outro lado, o CODAI sofre com esses problemas há bastante tempo, possivelmente devido à escassez de recursos destinados às escolas públicas, cuja realidade geralmente se assemelha à da escola estudada. Além disso, as maiores dificuldades relatadas pelos alunos(as) são a dificuldade na comunicação com a direção, a escassez de oportunidades de estágio e de emprego e a dificuldades financeiras, e por esse motivo, muitos desistem do curso.

3.1.1.2. Projeto da Unidade Educativa

De acordo com o Projeto Político Pedagógico - PPP da instituição, seus objetivos são a construção de uma escola cidadã e dinâmica, propiciando condições para a qualificação de profissionais além de meramente atender os interesses imediatos do mercado, envolver a comunidade escolar através dos seus representantes, criar vínculos

com as comunidades e parcerias com instituições e refletir formas de avaliação permanentes (COLÉGIO AGRÍCOLA DOM AGOSTINHO IKAS, 2004).

O PPP foi construído a partir de 1999 com a análise da escola e reflexão sobre a realidade da sociedade, sob a orientação de professores do Departamento da Educação da UFRPE. Um ano depois foi feita a reflexão sobre as dificuldades em concluir o projeto e, no mês seguinte, houve o primeiro debate sobre o texto do Projeto e percebeu-se a necessidade de incluir os(as) técnicos(as) e alunos(as) no processo, formando a Comissão de sistematização do PPP do CODAI. Foram realizadas várias reuniões para coleta de sugestões e depois para a discussão e aprovação do documento, o que resultou no PPP de 2001. A versão atual foi revisada e aprovada em 2004 (COLÉGIO AGRÍCOLA DOM AGOSTINHO IKAS, 2004).

Segundo o documento, a estrutura administrativa é composta pelo Conselho Técnico Administrativo - CTA, diretor, eventual substituto do diretor, coordenador de cursos, coordenador de estágios, supervisores de áreas de conhecimento e o Núcleo de Apoio ao Educando - NAE. O pessoal docente, que além de ministrar aulas para o ensino médio e técnico, também participam em comissões, conselhos e colegiados e funções administrativas devem encaminhar à coordenação de cursos o Plano Individual de Trabalho e o Relatório Individual de Trabalho, referentes ao ano seguinte e ao anterior, respectivamente. O pessoal técnico-administrativo desempenha funções nas seguintes áreas: Secretaria administrativa, apoio didático, biblioteca, setor de apoio técnico, secretaria da coordenação de estágio, recepção, portaria, transporte, vigilância e zeladoria (COLÉGIO AGRÍCOLA DOM AGOSTINHO IKAS, 2004).

Em relação à estrutura pedagógica, o tempo escolar é de 200 dias letivos/ano, com recessos preferencialmente de 30 dias em janeiro e 15 em julho e a escola funciona nos turnos da manhã e tarde; a avaliação do ensino médio é feita por meio de quatro Avaliações de Aprendizagem feitas ao longo das quatro unidades e caso o aluno(a) não obtenha média final mínima de 7, deve realizar o Exame Final; enquanto que no técnico, o aluno(a) necessita obter o conceito C (competência construída) para ser aprovado enquanto que o NC (competência não construída) significa reprovação. No caso de reprovação, os alunos(as) podem recorrer do resultado do Exame Final ou podem ser promovidos parcialmente, caso tenham reprovado no máximo em duas disciplinas. Por fim, em relação ao trancamento de matrícula, pode ser realizada uma vez no ensino médio ou até duas vezes no ensino técnico (COLÉGIO AGRÍCOLA DOM AGOSTINHO IKAS, 2004).

O PPP tem uma visão crítica, afirmando que romper com a cultura individualista é contribuir com a construção da escola crítica e socializada, e que apesar da escola estar dentro de uma sociedade capitalista, desigual, alienadora e injusta e por isso estar sujeita aos mesmos problemas, não pretende que seu papel se resuma a um local de formação de técnicos para o mercado e sim de ser uma escola cidadã, que corrija as distorções sociais causadas pela sociedade capitalista (COLÉGIO AGRÍCOLA DOM AGOSTINHO IKAS, 2004).

De acordo com o PPP, os processos de decisão são tomados por diversas comissões: comissão de ensino, que decide sobre propostas de mudanças curriculares e adições de novos cursos; comissão de pesquisa, que decide sobre os projetos de pesquisa, grupos de pesquisa, planeja eventos internos e a participação em eventos externos; a comissão de extensão, que decide sobre os projetos de extensão, estimula eventos internos e a participação em eventos externos; a comissão de seleção, que planeja e executa o processo seletivo; a comissão de contatos empresariais, que fortalece o contato com empresas públicas e privadas; a comissão de apoio ao educando(a), que assessora as ações do Núcleo de Apoio ao Educando e implementa as ações culturais; a comissão editorial, que prepara e divulga um informativo mensal (gazeta codai); Comissão de planejamento das novas instalações de Tiúma, que tinha como objetivo desenvolver e implantar os projetos das instalações de Tiúma; as comissões de progressão vertical e horizontal, que avalia os professores(as) em progressão; o conselho de classe, que deve se reunir 4 vezes ao ano; o conselho de representantes de classe; o conselho de pais; o CTA; e o colegiado político pedagógico (COLÉGIO AGRÍCOLA DOM AGOSTINHO IKAS, 2004).

Por fim, a avaliação do PPP deve ser feita de modo coletivo através de um intenso diálogo e problematização da realidade por todas as pessoas e instituições que fazem parte do cotidiano da escola. (COLÉGIO AGRÍCOLA DOM AGOSTINHO IKAS, 2004).

Entrevistando duas professoras, obtivemos que em geral a relação educador-educando é boa, os professores(as) costumam estar conectados aos seus alunos(as), porém no técnico há mais problemas entre professores(as) e alunos(as) embora sejam exceções. Uma das professoras diz ter uma relação baseada no respeito, com diálogo e momentos de descontração. Também diz ter interdisciplinaridade com física, biologia e português em suas aulas de química, mas que de forma geral a interdisciplinaridade acontece mais nas visitas técnicas, quando vão mais de um(a) professor(a) de áreas diferentes. Como metodologias de ensino usadas, fazem muitas aulas expositivas, seminários, visitas técnicas e os eventos, que acontecem pontualmente. Quando perguntadas, as professoras

afirmaram que os discentes são os protagonistas do processo, e que elas tentam fazer com que eles participem, inclusive com os eventos feitos na escola. Segundo elas, os alunos(as) são bastante politizados e incentivados a seguir a carreira acadêmica.

3.1.2. Laboratório de ensino

Neste capítulo serão descritos e analisados criticamente os laboratórios de ensino apresentados pelos 10 alunos da turma, que foram ministrados na UFRPE, em sua maioria no Barracão, uma instalação feita de lona e bambus, montada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra em um evento realizado anteriormente na universidade (a Jornada Universitária pela Reforma Agrária - JURA), com a exceção do primeiro dia, 19/11, cujos laboratórios foram ministrados em sala de aula, e do último dia, 17/12, cujas apresentações foram realizadas em um coreto no Departamento de Educação - DED, devido às condições climáticas. A escolha do Barracão partiu de uma provocação da professora em realizarmos nossos laboratórios sem o uso de quadro branco ou retro-projetor e fora das paredes de uma sala de aula, visto que os processos educativos acontecem nos mais variados espaços, que nem sempre dispõem das ferramentas que estamos habituados.

Foi acordado previamente uma série de 13 aspectos necessários em uma aula ideal, que deveriam ser abordados por todos os alunos(as) em seus laboratórios: Abordar os conhecimentos prévios dos alunos, ter motivação e dinâmica, seguir uma sequência lógica e ter objetividade, contextualizar e ter senso crítico, dominar o conteúdo, haver utilidade e aplicabilidade no assunto da aula, relação professor-aluno, controle do tempo (40 minutos), domínio da sala e do tempo, linguagem acessível, avaliação, fechamento da aula, e interdisciplinaridade.

3.1.2.1. Laboratório de Clara Almeida.

No dia 19/11/18 ocorreu meu laboratório, tendo como tema Manejo de Recém nascidos, no qual abordei os conhecimentos prévios perguntando aos colegas o que sabiam sobre os conteúdos que iria trabalhar para construir o diálogo da aula. A dinâmica foi boa, com muita participação dos alunos, e tendo como recursos didáticos algumas tarjetas com tópicos ou perguntas e os materiais para a confecção de uma tintura

(entrecascas de aroeira, uma garrafa de vidro e uma lata de cachaça de 473 ml). A sequência lógica foi adequada por ter seguido cada conteúdo por partes, sendo objetiva por focar nos aspectos importantes para a aula e para o público. A contextualização e o senso crítico foram abordados com a realização da tintura, uma alternativa barata, simples, eficaz e acessível para a realização da cura do umbigo de recém nascidos e que utiliza plantas nativas, que o agricultor pode ter em sua própria propriedade. Houve domínio do conteúdo e as perguntas e comentários dos colegas foram respondidos. A utilidade e aplicabilidade é clara pois os problemas devido à não realização do manejo são comuns; a relação professor aluno foi horizontal, com os alunos participando, comentando e compartilhando suas experiências. A aula acabou um pouco mais cedo do que o previsto (cerca de 5 minutos), pois haviam apenas dois colegas e a professora assistindo a aula; o domínio da sala foi bom, com a participação dos alunos que fizeram a aula fluir. A linguagem foi acessível, com a explicação de termos técnicos; A avaliação foi feita com base em tarjetas com perguntas dadas a cada aluno, que também foi parte do fechamento, em conjunto com a reflexão sobre a saúde humana ao lidar com os animais. Por fim, a interdisciplinaridade foi abordada ao falar sobre as plantas como remédios naturais. Em relação ao plano de aula, foi sugerido que o assunto da aula deveria ser “Introdução ao manejo de recém nascidos” visto que não foi uma aula aprofundada que abordou todos o manejo, e também o plano não obedeceu ao modelo proposto: o termo “indicadores de desempenho” deveria ser substituído por “objetivos” e “situação didática” por “procedimentos e recursos didáticos” (APÊNDICE A). Por fim, faltou uma receita da tintura para que os alunos pudessem levar consigo ou copiar.

3.1.2.2. Laboratório de Milena Lima.

Também no dia 19/11, Milena apresentou o seu tema: Produção de Mudas de Espécie Exótica Flamboyant mirim. Abordou o conhecimento pré existente dos alunos ao perguntar se eles conheciam outras formas de escarificar as sementes, porém poderia ter feito essa pergunta antes de explicar as formas que ela conhecia. A dinâmica foi boa, com ambientação da sala com folhas, flores e vagens da planta trabalhada, com a leitura de uma paródia da canção Asa Branca, de Luiz Gonzaga e discussão e com uma parte prática na qual se realizou o preparo de mudas. Houve objetividade, porém a aula não teve uma introdução mais explícita abordando o que seria a escarificação; o senso crítico deixou um pouco a desejar pois poderia ter discutido sobre a acessibilidade ou não dos diferentes

métodos de escarificação e ter trazido uma planta nativa ao invés de uma exótica. Domina bem o conteúdo e já trabalhou com essa planta anteriormente; A utilidade na escarificação e produção de mudas ficou explícita para a perpetuação das espécies, mas não para essa planta trabalhada. A relação professor-aluno foi bem horizontal, dialogando, respondendo dúvidas e ouvindo o que os alunos tinham a dizer, porém não cumpriu o tempo proposto, passando cerca de 5 minutos, devido a uma falta de controle melhor da sala, visto que a participação dos alunos foi muito grande. Além disso, ficou um pouco desorganizado o momento do preparo das mudas e houve uma dispersão da sala, que poderia ter sido evitada se os alunos fossem aguardar suas mudas depois da aula. A linguagem não foi muito acessível, com uso de alguns termos técnicos que não foram explicados. A avaliação foi a participação durante a aula e dizer uma palavra ao fim da aula, poderia ter sido feita uma avaliação mais trabalhada, que analisasse melhor o aprendizado da aula. Não houve fechamento, poderia ter sido usada a paródia do início da aula. A interdisciplinaridade não ficou muito explícita. Em relação ao plano de aula, não cumpriu o proposto, trazendo duas páginas de conteúdo ao invés de uma, com conteúdo prolixo e não cumprindo parte das propostas das metodologias de ensino, como uma apresentação dos participantes no qual cada um diria o nome de uma espécie florestal (ANEXO A).

3.1.2.3. Laboratório de Juliana Barros.

No dia 26/11/18, Juliana apresentou seu laboratório tendo como tema Introdução ao princípio ativo de plantas. Juliana abordou bem os conhecimentos prévios perguntando o que vinha à mente quando se falava em princípios ativos, e que plantas medicinais e princípios ativos os alunos conheciam. A dinâmica foi boa, com o uso de quadro negro, poesia e um varal contendo diferentes princípios ativos, havendo também uma boa sequência lógica e objetividade. A contextualização e senso críticos foram muito bem trabalhados, abordando a importância e longa trajetória do conhecimento tradicional. A utilidade e aplicabilidade ficaram bem explícitas para todos, que necessitamos sempre dos princípios ativos de plantas para nossa saúde. A relação professor-aluno foi bem participativa, o controle do tempo e domínio da turma foram adequados; a linguagem foi acessível, com termos técnicos explicados; a avaliação foi por meio de um cartaz no qual os alunos escreveram o que aprenderam; o fechamento foi através de um poema e a interdisciplinaridade ficou clara por ser um tema que perpassa as ciências agrárias. O plano de aula cumpriu o proposto e foi seguido fielmente (ANEXO B).

3.1.2.4 Laboratório de Géssica Silva.

Géssica apresentou o tema Controle Biológico no dia 26/11/18. Ela se propôs a conduzir os alunos, adotando uma postura de facilitadora e não de professora. Abordou muito bem os conhecimentos prévios pedindo para que cada aluno desenhasse um exemplo de controle biológico. A dinâmica deixou a desejar pois ela trouxe atividades demais em muito pouco tempo: além do desenho, também propôs uma linha do tempo (que não foi didática por ter muitas informações e pouco tempo para construção), cartolinas para preencher com exemplos de controle (que foi desnecessário já que os alunos tinham desenhado um exemplo cada previamente), trouxe joaninhas para mostrar aos alunos (bem proveitoso pois eram muitas joaninhas diferentes das que conhecemos popularmente, porém poderia ter dedicado um momento apenas a isso e não durante sua exposição), assim a sequência lógica ficou prejudicada. O senso crítico foi pouco trabalhado, e a problematização podia ter sido mais abordada. Houve domínio do conteúdo e a aplicabilidade foi bem explicitada. A relação professor-aluno foi bem horizontal; Não houve bom controle do tempo, passou 9 minutos do proposto, o domínio de sala deixou um pouco a desejar pois os alunos ficaram dispersos devido à grande quantidade de atividades simultâneas, bem como a demonstração das joaninhas durante sua exposição. A linguagem não foi muito acessível, com siglas e termos técnicos não familiares para todos os alunos, em especial as siglas no plano de aula. Não houve uma avaliação propriamente dita nem fechamento, talvez por causa da falta de tempo, porém teria sido mais interessante não fazer uma das atividades anteriores para poder fazer o fechamento (como a linha do tempo e o cartaz por exemplo). Em relação à interdisciplinaridade, ficou muito bem trabalhada na primeira atividade na qual cada aluno desenhou uma situação de controle biológico, pois cada um trouxe um exemplo de sua área. Em relação ao plano de aula, colocou “plano de ensino” ao invés de “plano de aula”, bem como “situação didática” ao invés de “procedimentos e recursos didáticos” e “indicadores de desempenho” ao invés de “objetivos” como foi combinado em sala de aula. (ANEXO C)

3.1.2.5 Laboratório de Tuanny Araújo.

No dia 03/12 não estive presente. Ver plano de aula (ANEXO D)

3.1.2.6 Laboratório de Maysa Queiroz.

No dia 03/12 não estive presente. Ver plano de aula (ANEXO E).

3.1.2.7 Laboratório de Carlos Lima.

Carlos apresentou o tema Agrofloresta no dia 10/12/18. Abordou o conhecimento prévio através de tarjetas e perguntas no início da aula. A dinâmica foi bem fluida, utilizando um texto xerocado de um livro, das tarjetas e da exposição de espécies vegetais, inclusive uma planta ornamental usada para explicar os tipos de poda. Houve sequência lógica entre os conteúdos; contextualizou com nossa realidade do nordeste, trabalhando o senso crítico de modo que até a própria escolha do tema vai contra a lógica do agronegócio, porém poderia ter problematizado mais quando perguntou vantagens e desvantagens do sistema agroflorestal. Dominou bem o conteúdo; demonstrou bem a utilidade e aplicabilidade, a relação professor-aluno foi bem interativa; o domínio da sala e tempo foi adequado, a aula conseguiu fluir muito bem, cumpriu o tempo adequadamente; a linguagem foi adequada, explicando termos técnicos. Não fez uma avaliação propriamente dita, justificando que não ia dar tempo suficiente; o fechamento foi adequado e a interdisciplinaridade foi feita mencionando a importância dos animais na agrofloresta. Em relação ao plano de aula, deveria ter incluído nos conteúdos os tipos de podas, mas ele justificou que foi um assunto que não estava previsto (ANEXO F).

3.1.2.8. Laboratório de Rubia de Melo.

O tema de Rubia foi “O que são as Áreas de Preservação Permanente” e o apresentou no dia 10/12/18. Abordou os conhecimentos prévios através de perguntas; sua dinâmica se fez através de tarjetas, cartolinas, maquetes e cartazes; houve sequência lógica. A contextualização e senso crítico foi através da situação política atual, ao novo código florestal, e ao exemplo do acontecido em Suape. Domina bem o conteúdo; a utilidade e aplicabilidade se fizeram presentes ao se falar na importância da preservação da água. A relação professor-aluno foi bem interativa; dominou bem sala e tempo; em

relação à linguagem, explicou os termos técnicos usados. Sua avaliação foi feita com um joguinho de quebra-cabeça que podia ter sido um pouco mais complexo. Realizou fechamento e sua interdisciplinaridade poderia ter sido mais trabalhada. Em relação ao plano de aula, nos procedimentos e recursos didáticos, ao invés de “cartolinas” e “piloto”, deveria ter colocado “cartazes”, pois não foram feitos durante a aula e sim previamente (ANEXO G).

3.1.2.9. Laboratório de Adalberto Silva

No dia 17/12, Adalberto apresentou seu laboratório cujo tema foi “A importância da Cobertura Vegetal para o Solo”. Buscou os conhecimentos prévios dos alunos através de perguntas; sua motivação e dinâmica deixaram um pouco a desejar, possivelmente por nervosismo, e se utilizou de banner com imagens e da confecção de cartazes. Houve uma sequência lógica em sua apresentação, embora se repetiu em alguns momentos. Poderia ter abordado mais o senso crítico dos alunos falando sobre o papel dos seres humanos na degradação do solo e também em como essa degradação afeta os próprios seres humanos, além de contextualizar com os biomas da caatinga e da zona da mata. Domina o conteúdo, poderia ter abordado mais a utilidade e aplicabilidade do assunto; a relação professor-aluno foi boa, com a participação de todos nas perguntas e atividade proposta, tendo bom domínio de sala. Em relação ao tempo, terminou sua apresentação 13 minutos mais cedo, tempo que poderia ter sido usado para atender os critérios não cumpridos. A linguagem foi boa, entendida por todos os alunos e a avaliação e fechamento foram feitos por meio de uma atividade de confecção de cartazes por parte dos alunos, que poderia ter sido mais interessante se os próprios alunos tivessem explicado o que quiseram dizer com as frases e palavras escritas em meio às colagens. A interdisciplinaridade não foi bem trabalhada. Por fim, o plano de aula trazia a coluna de “viagens técnicas” que não deveria estar presente, e sim em um possível plano de ensino (ANEXO H).

3.1.2.10 Laboratório de Maria Lins

No dia 17/12, Maria apresentou sua aula, tendo como tema “Introdução a bioconstrução”. Ela abordou os conhecimentos prévios dos alunos através de perguntas, perguntando se sabiam o que era e quais tipos de bioconstrução conheciam; a aula foi

bastante dinâmica, com o uso de tarjetas, fotos, xerox de um texto pequeno e com materiais usados na bioconstrução (bambu, capim) e com a confecção de um cartaz. Obedeceu a uma sequência lógica, partindo do assunto geral para os exemplos de bioconstrução. Contextualizou com nossas realidades de semi-árido e zona da mata, fez reflexão crítica com base em nossas construções convencionais que diferentemente da bioconstrução não aproveitam os fluxos naturais e não têm design ecológico e eficiente entre outras coisas. Mostrou dominar o conteúdo; a utilidade e aplicabilidade por se tratar de um tipo de construção usada não apenas para construir casas como também fogões, biodigestores, tratamento para as águas servidas. A relação professor-aluno foi mais horizontal, tomando uma postura de facilitadora; o controle do tempo foi adequado, bem como o domínio da sala e tempo; no entanto a atividade da avaliação e fechamento acabou sendo muito corrida, com apenas 5 minutos para a confecção do cartaz, e com os alunos não compreendendo muito bem o que foi proposto. A linguagem foi acessível e a interdisciplinaridade foi atendida, mas poderia ter sido mais explicitado o uso para instalações animais e para a construção de hortas. O plano de aula cumpriu o acordado em sala de aula e não foi seguido na aula apenas nos procedimentos e recursos didáticos, pois esqueceu de mostrar a “garrafa de vidro” e o “tronco”. (ANEXO I).

3.2 Estágio curricular obrigatório II

3.2.1 CODAI

Foram definidos pela turma e professora em conjunto os pontos da prática docente que deveriam ser observados durante o estágio: O itinerário pedagógico, com suas etapas metodológicas, o levantamento do conhecimento prévio dos estudantes, a contextualização com a realidade dos alunos, os recursos didáticos utilizados, as formas de avaliação, a relação entre a teoria e prática, a interdisciplinaridade, o envolvimento dos educandos, o estímulo à criatividade, a valorização do conhecimento popular, a relação entre professor e aluno e como são realizadas as atividades de planejamento.

Próximo ao final do período letivo, o professor precisou ser substituído por outras professoras em suas disciplinas, dando continuidade ao planejado nas disciplinas.

O professor costuma revisar as aulas anteriores antes de começar um novo assunto propriamente dito, introduzindo novas informações aos poucos, principalmente quando

há alunos presentes que não estavam na aula anterior. Em seguida, explicava o que a aula iria tratar e a importância de se estudar esse assunto. Então, começava a apresentação de slides, usando o quadro para melhor explicar algumas coisas, usando sempre uma linguagem acessível e sempre explicando termos técnicos, mesmo os que já foram citados anteriormente. Em algumas aulas, no final da apresentação de slides, mostrava vídeos para melhor elucidar o assunto tratado, como um vídeo mostrando um apicultor capturando um enxame, mostrando o vôo nupcial da abelha rainha e o processamento do mel na agroindústria.

Em relação ao levantamento dos conhecimentos prévios, ele costuma fazer perguntas para os alunos como uma forma de contextualizar, porém não costuma instigar os alunos a responderem, geralmente respondendo a própria pergunta logo em seguida. Por outro lado suas contextualizações são bem didáticas: para falar sobre o porquê dos favos de mel serem hexagonais, perguntou como pedreiros posicionam tijolos para construir paredes e o porquê: ambos exemplos são construções mais estáveis por ter mais pontos de apoio; em outro momento comparou o própolis ao cimento e a cera ao tijolo, para explicar a importância desses materiais para a colméia.

Os momentos em que contextualizou com a realidade dos alunos não foram muito frequentes, geralmente contextualizando apenas com outras culturas vegetais ou animais. No entanto em um momento ao falar sobre controle de pragas, falou que se em nossas casas temos mais ratos do que percebemos, a situação em um silo de grãos é muito mais problemática e por isso os roedores são apenas controlados, nunca se consegue eliminá-los.

O recurso didático utilizado mais frequentemente em suas aulas é o retroprojeto, com apresentações de slides com texto em letras grandes e rico em imagens. Também usa vídeos muito frequentemente e usa o quadro branco e piloto como complemento. Foram realizadas visitas técnicas no final do semestre para o Departamento de Zootecnia da UFRPE na disciplina de apicultura e para a Estação Experimental de Pequenos Animais de Carpina, um *campus* avançado da UFRPE, na disciplina de Coturnicultura, para que os alunos possam ter uma vivência mais prática do assunto trabalhado nas disciplinas.

As formas de avaliação usadas são provas escritas, com perguntas discursivas e de múltiplas escolhas, e um relatório sobre a visita técnica, no qual os alunos devem descrever o que aprenderam em sala fazendo contraste com o que viram na prática. Na aula seguinte à primeira prova, elas foram entregues aos alunos e foi feita a correção das questões usando o retroprojeto. O professor diz preferir esse tipo de avaliação devido à

pequena quantidade de aulas (8 dias de aulas no total) mas que antigamente já fez trabalhos em grupo e seminários. No entanto, devido a imprevistos no semestre, a segunda avaliação de coturnicultura foi feita na forma de estudo dirigido para ser entregue na semana seguinte e a de apicultura na forma de prova com questões de múltiplas escolhas; em ambas as disciplinas o professor demandou um relatório sobre a visita técnica comparando teoria com a prática observada nas visitas, também uma parte da avaliação

O professor trabalha bem a relação teoria-prática, sempre explicitando o porquê de se estudar o assunto trabalhado e sua aplicação prática, evitando se aprofundar em assuntos que julga não serem necessários para a prática dos alunos.

Sua abordagem interdisciplinar se dá mencionando as disciplinas que os alunos estudaram anteriormente. O professor tem ciência das outras disciplinas que os alunos estudam e em que semestres. Alguns exemplos de sua abordagem interdisciplinar foram as situações em que perguntou qual o açúcar presente na cana e se o plantio dela costumava ser feito com agrotóxicos, durante uma aula de apicultura (objetivando contextualizar as diferenças entre o açúcar refinado e o mel e o perigo da proximidade de canaviais a um apiário à vida das abelhas, respectivamente) e em uma aula de coturnicultura perguntou sobre uma visita que fizeram a uma granja em um semestre anterior na disciplina de avicultura para falar sobre biossegurança e em vários outros momentos comparou as codornas ao que os alunos tinham aprendido sobre galinhas.

Os educandos se interessam pelo assunto das aulas, mas o professor não estimula muito a participação ativa. Em algumas turmas, os alunos apenas interagem para fazer perguntas, porém em outra os alunos participam mais e há uma relação amigável entre professor e alunos, conversando antes da aula começar e com momentos de descontração ocasionalmente. O professor costuma ser compreensivo com os problemas que os alunos trazem, permitindo que assistam sua aula na turma do outro turno, costuma esperar 15 minutos antes do começo das aulas para que mais alunos cheguem e terminar mais cedo, se preocupando com a segurança dos alunos, visto que a unidade de Tiúma fica em um local pouco movimentado e só uma linha de ônibus vai para lá. Ao tirar dúvidas dos alunos é muito paciente, usando o quadro, imagens de seu computador, repetindo toda a explicação se necessário.

A criticidade é explorada até certo ponto, ao trazer algumas reflexões, como por exemplo as de que abelhas não atacam, apenas se defendem, e que o fato das abelhas sem ferrão produzirem menos do que as abelhas com ferrão não significa uma desvantagem, apenas uma característica delas. Por outro lado se abstém de certas discussões, dizendo

que não discute política por acreditar que todos os lados são errados e objetivam ganhos próprios, e em alguns momentos reforça o *status quo*, como por exemplo, ao dizer que nossa sociedade deveria ser como a das abelhas, na qual todos os indivíduos sabem sua casta e sua função e assim o trabalho seria bem distribuído.

O conhecimento popular foi abordado menos frequentemente do que a interdisciplinaridade. Alguns exemplos foram: para explicar o porquê do mel demorar muito para estragar, perguntou qual estraga mais rápido: leite líquido ou leite em pó (devido à concentração de água); como se faz pra limpar nossas casas, para estabelecer um paralelo com a higiene das instalações; além do vídeo do agricultor capturando um enxame, e a técnica usada por ele para que as abelhas não lhe ferissem ou fugissem.

Sua postura frente a opiniões diversas foi pouco observada devido à pouca participação dos alunos, porém em um momento de interdisciplinaridade, o professor citou uma prática antiquada, ao passo que um aluno respondeu o risco que a prática fornecia e o professor apenas concordou que o risco existia e prosseguiu com a aula, não permitindo que os alunos dissessem como era o jeito aprendido por eles, que não possuía esse risco,

Atividades de planejamento não foram acompanhadas, pois o professor disse que as aulas já eram preparadas desde semestres anteriores, visto que ele ministra as disciplinas há um certo tempo.

3.2.2. Laboratórios de ensino

Os laboratórios de ensino foram realizados no Departamento de Educação - DED da UFRPE, por apenas quatro alunos da disciplina, sendo apresentados dois laboratórios por aula, com duração de 40 minutos, objetivando exercitar a escrita de planos de aula, a distribuição adequada do tempo e as estratégias didáticas, através das próprias apresentações e das discussões realizadas em seguida, na qual os alunos e professora refletiam sobre quais estratégias se adequaram bem e quais alternativas seriam mais apropriadas.

Os pontos-chave que foram observados nos laboratórios foram: lançamento do tema e sua inserção na disciplina e no curso, valorização dos conhecimentos prévios dos(as) alunos(as), estabelecimento de conexões entre o tema da aula e os conhecimentos prévios, interação professor(a)-alunos(as), vocabulário, metodologia, sequência lógica

dos conteúdos, recursos didáticos, contextualização, domínio dos conteúdos, administração do tempo, avaliação da aula, conclusão e fechamento.

3.2.2.1 Laboratório de Adalberto Silva

O primeiro laboratório apresentado no dia 14/05 foi o de Adalberto, com o tema de Compostagem. Ele realizou o lançamento do tema pedindo para que os alunos desenhassem ou escrevessem em tarjetas coisas relacionadas ao tema e a partir disso começou a introduzir o assunto, o que foi uma boa estratégia, porém teria sido mais interessante ter mostrado o adubo resultante da compostagem trazido para a aula e a partir desse elemento, lançar o tema. Não foi feita a inserção da aula em uma disciplina ou em um curso, fazendo com que ficasse um pouco fora de contexto. Em seguida ele distribuiu um texto sobre compostagem, uma estratégia não muito interessante, pois o texto tinha uma linguagem muito técnica, e não obteve muita resposta da turma. Conseguiu muito bem buscar os conhecimentos prévios dos colegas e os ligar à temática da aula, pedindo para explicar as diferenças entre compostagem em pilha e doméstica e para dar exemplos do que pode ou não ir para a composteira. Por outro lado faltou abordar o porquê de se realizar a compostagem, focando muito em como o processo deve ser feito e do que se trata. Seu vocabulário foi adequado, explicando os termos técnicos usados, seguindo uma sequência lógica e administrando bem o seu tempo.

3.2.2.2 Laboratório de Clara Almeida

O segundo laboratório de ensino apresentado no dia 14/05 foi o meu, tendo como tema Introdução às Boas Práticas de Fabricação - Definições, que desde o início da aula foi situada em uma disciplina, Programas (Boas Práticas de Fabricação); e em um curso, Técnico em alimentos, do CODAI. Ao longo da aula foram feitas menções a outras disciplinas do curso, ao falar de assuntos supostamente já estudados anteriormente ou que seriam estudados em outras aulas na mesma disciplina. Os temas foram lançados através de perguntas, obtendo uma boa participação dos alunos, porém, deveria ter sido dedicado mais tempo no lançamento do tema. Além disso, em alguns momentos essas perguntas deveriam ter sido mais exploradas de modo a obter a participação de todos os alunos para garantir que todos estavam acompanhando a aula. Uma ideia dada foi a de lançar o tema através de notícias sobre lotes de produtos com defeitos para sensibilizar a turma em

relação à importância das Boas Práticas. As conexões entre os conhecimentos pré-existentes dos alunos com o assunto foram feitas adequadamente, construindo a aula com base nas respostas dos alunos. O quadro teria sido melhor usado se todo o conteúdo escrito estivesse com letras grandes e fáceis de ler. A aula obedeceu a uma sequência lógica, os termos técnicos usados foram todos explicados, o tempo foi bem utilizado e a avaliação se deu por meio de uma atividade feita no final da aula (APÊNDICE A). Por fim, em relação ao plano de aula, os elementos da própria sala de aula (lâmpadas, porta, piso, paredes, teto) não são recursos didáticos (APÊNDICE B).

3.2.2.3 Laboratório de Maria Lins

O primeiro laboratório de ensino apresentado no dia 11/06 foi o de Maria, tendo como tema sistemas agroalimentares e as culturas regionais. Começou a aula situando-a em uma disciplina (Culturas Regionais 1) e introduziu o tema pedindo para a turma escrever em um papel o que cada um gosta de comer e a partir disso perguntou se todos esses alimentos eram produzidos na região e o que seriam culturas regionais. Depois de construída essa definição, distribuiu um texto sobre as contradições da agricultura industrial e em seguida algumas embalagens de alimentos processados e ultraprocessados para os alunos lerem os rótulos e assim discutir culturas de ciclo curto e ciclo longo. Perguntou se esses alimentos ultraprocessados garantiam a segurança e a soberania alimentar, perguntando se a turma conhecia esses conceitos e pedindo para explicarem.

Depois, distribuiu papéis com as cinco culturas escolhidas como prioridade no conteúdo programático (sorgo, mandioca, batata doce, inhame e amendoim), com tabelas nutricionais, foto da planta e de um alimento feito com essa planta; perguntou se todos concordavam com a escolha de trabalhar essas culturas e pediu para a turma escolher quais culturas preferiam estudar na disciplina. Por fim, como fechamento, pediu para a turma construir um cartaz dizendo o que queremos ao nos alimentar e quem beneficiamos através da alimentação.

Ao trabalhar a criticidade, ela deveria ter abordado mais profundamente os impactos da agricultura industrial, dos alimentos ultraprocessados na saúde e na segurança alimentar, dados do quanto que se produz e se desperdiça no Brasil, o caminho que o alimento percorre até chegar na mesa do consumidor. Em relação ao seu plano de aula, alguns itens listados como objetivos específicos não eram objetivos, apenas

métodos, como “listar as culturas regionais” e “construir um pequeno trabalho coletivo” (ANEXO J)

3.2.2.4 Laboratório de Tuanny Araújo

O segundo laboratório de ensino apresentado no dia 11/06 foi o de Tuanny, tendo como tema a extração e utilização do veneno das abelhas: apitoxina. Introduziu o tema pedindo para que os alunos escrevessem em tarjetas o que pensavam ao ouvir a palavra veneno. A maioria das respostas se referia a matar e fazer mal, e então ela perguntou se todos os venenos necessariamente fariam apenas mal, estimulando assim a curiosidade dos alunos. A partir da resposta de que a dose pode fazer um remédio se tornar veneno, ela disse que o tema da aula seria apitoxina.

Em seguida começou uma apresentação de slides, abordando o histórico da apitoxina, suas características e propriedades, perguntando aos alunos quem já tinha sido ferido por uma abelha, como se sentiram na hora e depois de um tempo, como retiraram o ferrão, se já ouviram falar na apiterapia. Ao longo da aula surgiram algumas vezes a dúvida de como se extraía a toxina, se era necessário matar as abelhas, e a curiosidade foi cultivada para ser explicada no final da aula. Ela perguntou para os alunos como cada um achava que era a extração da apitoxina e em seguida mostrou um vídeo explicando a extração e beneficiamento.

O principal ponto negativo de seu laboratório foi não poder usar o recurso didático principal de sua aula, o retroprojeter, por falta de cabo, precisando portanto fazer um círculo pequeno em volta do computador para que os alunos vissem a apresentação de slides, as imagens e vídeos, devendo ter checado previamente se a ferramenta iria funcionar.

3.3 Estágio curricular obrigatório III

3.3.1 Observação de aula, por videoconferência ou aula gravada, dos colegas levantando os problemas evidenciados

O objetivo dessa atividade foi identificar as diversas problemáticas enfrentadas por professores e estudantes em sala de aula, que poderão interferir no processo de ensino e aprendizagem nesse período remoto. Foi observada a aula de Maciel Tavares, cujo

assunto era sistemas agrícolas. Os problemas enfrentados foram a impossibilidade de ver todos os alunos durante a aula ou de ver qual aluno falava durante a apresentação de slides, o que é uma realidade durante aulas por conferência em turmas grandes com apresentação de slides. Outro problema encontrado pelo colega foi a curta duração da hora-aula, apenas 30 minutos, e que por isso, ele excedeu o tempo em 20 minutos. Uma solução para esse problema seria se programar melhor quanto ao tempo.

3.3.2 Entrevistas com os estudantes da escola

O objetivo dessa fase foi conhecer as demandas dos estudantes e ou ex-estudantes em relação às experiências que tiveram com os professores na sua vida estudantil, visando sugestões no sentido de melhorar as metodologias adotadas e a relação professor-aluno a serem refletidas pelos estagiários.

A primeira entrevistada falou de uma professora que costumava se comunicar de maneira grosseira durante as aulas, não aceitando opiniões contrárias às suas, apesar de falar que era necessária a participação e discussão sobre os temas propostos. Esse tipo de atitude desencorajava os alunos a participar de suas aulas e diminuía o interesse pela disciplina. Outra professora citada dominava bastante o conteúdo e se mantinha muito atualizada, porém acreditava que os alunos que não conseguiam acompanhar as atividades práticas em outro turno tinham preguiça ou falta de interesse, o que demonstra uma falta de conhecimento e interesse pela realidade e dificuldades dos alunos. A entrevistada também mencionou um professor atencioso, que contextualizava suas aulas e que era simpático e comunicativo; e outra professora que era muito criativa nas atividades e avaliações e que sempre propunha soluções para contornar as dificuldades dos alunos, o que serviu de inspiração para a prática docente da entrevistada.

Outra entrevistada mencionou uma professora que era compreensiva e que sempre corrigia a prova em sala de aula para os alunos saberem o que erraram, aproveitando a avaliação somativa como mais uma chance de aprendizado, e que não se importava quando os alunos faltavam, o que por um lado ajuda os alunos a não reprovarem por faltas, mas também é um tipo de omissão, visto que a participação nas aulas é muito importante para a construção do conhecimento. A entrevistada também mencionou um professor cuja aula não era muito dinâmica e que não corrigia as questões da prova com os alunos, e que ao ver o erro em uma questão da prova da entrevistada, perguntou se ela não havia estudado, o que deixou a aluna muito frustrada com a disciplina.

3.3.3 Regências de aulas

O objetivo desta fase foi exercitar e refletir sobre a atividade docente remota, bem como contribuir para a formação dos estudantes das escolas envolvidas. Assim, as regências de aulas foram realizadas no Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas, no curso técnico em agropecuária, disciplina higiene, limpeza e sanitização na agroindústria sob supervisão do Professor Dijaci Araújo Ferreira, nas turmas A e B nas datas 19/08 e 26/08 com os seguintes assuntos: qualidade da água na agroindústria, cloração e cálculos de concentração de produtos químicos na agroindústria e higiene do manipulador de alimentos, totalizando 7 horas-aula.

As regências de aulas são fundamentais para o aprendizado prático dos estudantes de licenciatura, que assim podem experienciar a dinâmica de sala de aula e, acima de tudo, fazer uma reflexão crítica a respeito da prática docente, inserindo sua própria atuação na reflexão.

3.3.4 Atividades Assíncronas

3.3.4.1 Fazendo parte de uma banca avaliadora

A primeira atividade realizada foi citar os aspectos importantes em uma aula, a partir da situação hipotética de estar em uma banca avaliadora de aulas de outros professores. Assim, o objetivo da atividade foi refletir a respeito dos itens importantes para planejar uma aula. Os dados obtidos com as respostas dos alunos da turma foram os seguintes:

OLHAR DOS ESTUDANTES	Nº DE ESTUDANTES
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	0 😞
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: Domínio do conteúdo, adequar a aula ao público, Sequência lógica, Cumprimento do conteúdo previsto, clareza, aplicabilidade.	5
METODOLOGIA: técnicas utilizadas, metodologia e recursos didáticos que atraíam a atenção dos alunos, escolha adequada dos	3

métodos e técnicas <u>para alcançar os objetivos propostos</u> ;	
RECURSOS DIDÁTICOS - Utilização de recursos didáticos variados como quadro, tarjetas, apresentação em PowerPoint entre outros para tornar a aula dinâmica; saber usar;; QUANTIDADE	4
AVALIAÇÃO: Avaliação da aula, <u>método avaliativo se atende ao que foi proposto no plano de aula/ensino (OBJETIVOS ESPECÍFICOS)</u> ; Fechamento aula	3
TEMPO: fazer com que tudo ocorra dentro do tempo estipulado, ter bom domínio do tempo, tempo de duração da aula.	4
CONTEXTUALIZAÇÃO contextualizando a temática com a realidade do estudante e sua prática profissional	3
PARTICIPAÇÃO: conquistar uma turma, aula incrível é fascinante, estratégias para conseguir captar a atenção dos alunos, Exemplificações, dinâmicas de interação, conhecimentos prévios, valorizando os saberes dos estudantes e buscando estimular a curiosidade e criatividade;	4
REFERÊNCIAS	0 😞

Nenhum dos estudantes lembrou de citar os objetivos específicos, que norteiam todo o plano de aula, ou as referências, que respaldam a aula.

3.3.4.2 Entrevista

A segunda atividade foi uma entrevista feita a conhecidos sobre as características marcantes de professores que impactaram suas vidas, de modo positivo ou negativo. Os resultados obtidos foram os seguintes:

FACILITA A APRENDIZAGEM	Depende da análise do contexto	DIFICULTA A APRENDIZAGEM
Dominar o conteúdo	Ser Exigente	Ser ausente
Buscar esclarecer as dúvidas	Ser presente na vida dos alunos	Não esclarecer as dúvidas dos alunos
Ter comprometimento	Conversar com os alunos sobre o vestibular	Usar apostilas como único material

Manter o conteúdo sempre atualizado	Dar reforço positivo como forma de estímulo, mas apenas recompensar os mesmos alunos	não se importar com as dificuldades dos alunos
Estimular o aluno a dar o melhor de si		Não gostar que os alunos discordem
Ser simpático, paciente e sorridente		Aparentar estar sempre estressada
Ser preocupado em contextualizar		Não explicar os erros cometidos pelos alunos na prova.
Dar aula muito participativa e dinâmica		Ser muito rígida e provocar medo nos alunos
Ter preocupação com a qualidade do material		Mandar os alunos fazerem atividades do livro enquanto mexe no celular
Usar linguagem adequada		Assediar sexualmente os alunos
Conversar com todos os alunos individualmente		
Ser criativa		

3.3.4.3 Avaliando um plano de aula

A terceira atividade foi a avaliação de um plano de aula produzido por um colega da turma (APÊNDICE D) com o objetivo de contextualizar o aprendizado sobre a construção de planos de aula. O plano de aula deveria passar pelas seguintes alterações:

O conteúdo programático deveria estar posicionado após os objetivos, pois estes norteiam todo o plano de aula. Além disso, os tópicos “tipos de poluição” e “tratamentos de efluentes” deveriam ser retirados, pois fariam a aula ficar muito extensa e com pouca possibilidade de participação por parte dos alunos. O objetivo geral deveria ser alterado de “aprender a importância da água na agroindústria de alimentos” por “aprender a importância da qualidade da água na agroindústria de alimentos”.

Em relação aos objetivos específicos, é preciso adicionar o tópico “reconhecer a importância da qualidade da água na agroindústria” para se relacionar ao primeiro tópico do conteúdo programático, o tópico “conhecer as características da água” deveria mudar para “classificar a água quanto às suas características” e o tópico “conhecer os cuidados no abastecimento” deveria ser alterado para “citar os principais cuidados com o abastecimento da água”. Os tópicos “aprender os tipos de poluição da água” e “aprender como é feito o tratamento de efluentes” devem ser retirados.

Em relação à metodologia, “videoaula” deveria ser alterada para “videoaula expositiva” e em relação aos recursos didáticos, deveriam ser inseridos computador, internet, o programa de gravação de vídeos oCam, e as plataformas Google apresentações e YouTube. Os recursos “atividade de pesquisa” e “questionário” se tratam de avaliações, e assim, deveriam ser retirados, pois já estão na seção “avaliação”.

3.3.4.4 Avaliação de aula

A quarta atividade foi a avaliação da aula do colega Maciel Tavares, cujo tema foi sistemas agrícolas. Ele estimulou a participação dos alunos e se mostrou bastante interessado em avaliar a aprendizagem dos alunos durante a aula, contextualizou com a região e atualidades e desenvolveu o assunto em sequência lógica, o que são aspectos extremamente favoráveis à aprendizagem. No entanto, sua aula excedeu o tempo em vinte minutos e para tentar obter a participação da turma, ele condicionou 0,5 ponto para os alunos que acertassem às questões no final da aula, o que estimula a competição entre os alunos e não a cooperação, o que é um aspecto desfavorável à aprendizagem crítica e participativa.

As atividades assíncronas foram importantes para a formação pois permitiram a discussão e reflexão a respeito do planejamento, construção do plano de aula, escolha de metodologia, recursos didáticos e avaliação adequados, através de exemplos concretos, que contextualizam e facilitam a discussão e compreensão do que facilita ou dificulta o aprendizado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação aos estágios presenciais, o diagnóstico da instituição foi importante para conhecer a realidade estrutural e organizacional da escola, bem como comparar as informações dadas pelos diferentes sujeitos (gestores, professores e alunos) bem como o Projeto Político Pedagógico. Já a observação das aulas permitiu observar a realidade prática em ambiente escolar das estratégias usadas pelo professor a partir da análise de alguns pontos considerados importantes pela turma. A revisão de literatura foi importante por fornecer um aporte teórico indispensável para o aprendizado da disciplina e para refletir sobre a formação e prática docente e o processo do estágio como um todo. Por fim, os laboratórios de ensino são extremamente importantes para experimentar didáticas diferentes, estimular a criatividade e trazer ideias que podem ser usadas em sala de aula. Fazer a análise crítica dos colegas é um processo importante para que todos aprendam com os erros e acertos e passem a observar mais detalhadamente algumas partes do processo, mas principalmente refletir sobre o que é importante em uma aula, independentemente do assunto trabalhado, e colocar em prática no planejamento, usando metodologias e abordagens mais adequadas.

O estágio remoto, por sua vez, teve como parte teórica as atividades assíncronas e videoconferências para discussão das atividades. A parte prática foi uma oportunidade de colocar em prática o processo discutido nos estágios I e II, através das regências com turmas da escola.

5. CRÍTICAS SOBRE A EXPERIÊNCIA VIVENCIADA POR MEIO DO ENSINO REMOTO

O ensino remoto é extremamente desafiador por natureza. Durante a regência, as principais dificuldades observadas foram a comunicação entre alunos e professores durante a aula (visto que em videoconferências de turmas grandes o ideal é que todos se mantenham com a câmera e microfone desligados enquanto uma pessoa fala para que não tenha interferências no áudio ou na chamada; enquanto que nas aulas assíncronas, não há comunicação entre professor e alunos, visto que cada pessoa vê o material em um momento diferente). A variedade de metodologias de ensino possíveis é reduzida, a realização de avaliações diagnósticas e formativas é dificultada e o abismo entre classes sociais aumenta devido à dependência de estrutura doméstica e de tecnologias,

inacessíveis para alunos de baixa renda. Para tentar contornar as dificuldades apresentadas pelos alunos de não conseguir se conectar às aulas síncronas, também eram disponibilizadas aulas assíncronas com o mesmo tema, o que significa uma atribuição adicional ao professor.

As dificuldades de acesso a equipamentos e internet também foram uma questão importante na parte teórica da disciplina de estágio, pois alguns colegas não conseguiam permanecer a aula inteira conectados, ou não conseguiam aparecer em vídeo, participando apenas por áudio. Por outro lado, a participação ativa de todos foi possível por se tratar de uma turma pequena, com 7 alunos, e todos os presentes falavam em algum momento.

Outra dificuldade importante vivida na regência foi a falta de sincronia entre os calendários acadêmicos da UFRPE e do CODAI: o período letivo da escola já estava próximo ao fim no início do período letivo da licenciatura: assim, não foi possível acompanhar aulas teóricas do professor supervisor ou da própria licenciatura antes da regência. Com isso, todas as 7 horas-aula dadas durante a regência foram no intervalo de duas semanas.

6. SUGESTÕES

O modelo do relatório final só pôde ser disponibilizado para os alunos no final do semestre letivo, devido às mudanças que precisou passar, para incluir o ensino remoto. Se no próximo semestre letivo o modelo do relatório final for disponibilizado no início do período, os alunos poderão começar a escrever mais cedo, conforme fazem as atividades, sem sobrecarregar a professora orientadora, que não precisará corrigir todos os relatórios ao mesmo tempo.

7. REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; WILSON, T. C. Relação entre representações sociais de “fracasso escolar” de professores do ensino fundamental e sua prática docente. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 1, n. 1, p. 75-87, 2016. Disponível em: <<http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewArticle/1987>> Acesso em 5 jul. 2019.

CASTRO, P. A. P. P.; TUCUNDUVA, C. C.; ARNS, E. M. A importância do planejamento das aulas para organização do trabalho do professor em sua prática docente. **ATHENA Revista Científica de Educação**, v. 10, n. 10, p. 49-62, 2008. Disponível em: <<http://nead.uesc.br/arquivos/Fisica/instrumentacao/artigo.pdf>>. Acesso em 5 jul. 2019.

COLÉGIO AGRÍCOLA DOM AGOSTINHO IKAS. **À distância**. 2012. Disponível em: <<http://ww2.codai.ufrpe.br/ead>>. Acesso em 12 nov. 2018.

COLÉGIO AGRÍCOLA DOM AGOSTINHO IKAS. **Docentes**. 2018. Disponível em: <<http://www.codai.ufrpe.br/docentes>>. Acesso em 18 dez 2018.

COLÉGIO AGRÍCOLA DOM AGOSTINHO IKAS. **O CODAI**. 2002. Disponível em: <<http://www.codai.ufrpe.br/o-codai>>. Acesso em 12 nov. 2018.

COLÉGIO AGRÍCOLA DOM AGOSTINHO IKAS. **Presencial**. 2015. Disponível em: <<http://ww2.codai.ufrpe.br/presencial>>. Acesso em 12 nov. 2018.

COLÉGIO AGRÍCOLA DOM AGOSTINHO IKAS. **Projeto Político Pedagógico**. São Lourenço da Mata, 2004. 20 p.

DA CRUZ, G.B. A prática docente no contexto da sala de aula frente às reformas curriculares. *Educar em revista*, n. 29, p.191-205, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602007000100013>. Acesso em 11 jul, 2019

ESTEVE, J. M. Escenarios del presente e interrogantes para la construcción del futuro. In: MEDRANO, C. V; VAILLANT, D. **Aprendizaje y desarrollo profesional docente**. Madrid: Santillana, 2009. p. 17-27. Disponível em: <https://issuu.com/eslibre.com/docs/aprendizaje_y_desarrollo_profesiona>. Acesso em 10 jul. 2019.

GOMES, E.N.; RAYMUNDO, G.M.C. Estágio Supervisionado e o Desenvolvimento de Atitudes Investigativas nos Futuros Licenciados em Ciências Agrícolas. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 17, 2014, Fortaleza. Livro 2: Didática e Prática de Ensino na relação com a Formação de Professores. Fortaleza: EdUECE, 2015. p. 2924-2929. Disponível em: <<http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro2/EST%203%2081GIO%20SUPERVISIONADO%20E%20O%20DESENVOLVIMENTO%20DE%20ATI%20TUDES%20INVESTIGATIVAS%20NOS%20FUTUROS%20LICENCIADOS%20EM%20C>>

I% C3% 8ANCIAS% 20AGR% C3% 8DCOLAS.pdf> Acessado em: 27 de janeiro de 2019.

MARCONDES, M. I.; TURA, M. L. Prática reflexiva: ponto de chegada ou ponto de partida na formação do professor? In: BARBOSA, R. L. L. **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. Editora UNESP, 2004. 582 p.

PATTO, M. H. S. Formação de professores: o lugar das humanidades. In: BARBOSA, R. L. L. **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. Editora UNESP, 2004. 582 p.

PERRENOUD, P. A Formação dos Professores no Século XXI. In: PERRENOUD, P.; THURLER, M. G. **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**. Artmed Editora, 2009. Capítulo 1, p 11-34. Disponível em: <http://srvd.grupoa.com.br/uploads/imagensExtra/legado/P/PERRENOUD_Philippe/As_Comp%C3%A9ncias_para_Ensinar_no_S%C3%A9culo_XXI/Liberado/Cap_01.pdf>. Acesso em 18 nov. 2018.

QUADROS, A. L. D. et al. Os professores que tivemos e a formação da nossa identidade como docentes: um encontro com nossa memória. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)**, v. 7, n. 1, p. 4-11, 2005.

ROLANDO, L. G. R.; VASCONCELLOS, R. F. R.; MORENO, E. L.; SALVADOR, D. F.; LUZ, M. R. M. P. Integração entre internet e prática docente de química. **Rev. Virtual Quim.**, v.7, n.3, p. 864-879, 2015. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/13654/2/lgr_rolando_etal_IOC_2015.pdf>. Acesso em 10 jul. 2019.

8. ANEXOS

ANEXO A - Plano de aula de Milena Lima



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
CURSO DE LICENCIATURA DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS

Professora: Gilvânia Gonçalves

Facilitadora: Milena S. Lima

Modalidade: Silvicultura

Data: 19/11/2018

Carga Horária: 40 min

Plano de Aula

Tema: Produção de Mudanças de Espécie Exótica Flamboyant mirim

Objetivo Geral Ofertar oficina de Produção de Mudanças Florestal Exótica, para os discentes do Curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas da UFRPE, no sentido de contribuir no processo de formação, sobre as relações dos indivíduos com a natureza.	Objetivos Específicos Proporcionar um momento que os futuros docentes possam assimilar os requisitos básicos para a produção de mudas; Compreender o processo de aulas práticas realizada pelo aluno; Refletir sobre práticas pedagógicas presentes em sala de aula; Tomar todo processo como oportunidade de ensino e aprendizagem; Ampliar a visão dos discentes sobre a importância do reflorestamento.
---	--

Recursos Utilizados: 30 sementes de espécie florestal Flamboyant mirim, 10 recipientes de garrafas pet, esterco caprino e bovino, solo, lixas de unha, pá pequena, luvas, folhas de ofícios, pilotos.

Conteúdo Programático	Metodologia de Ensino	Crerios de Avaliao
<ul style="list-style-type: none">✓ Conceito básicos de espécies exóticas e exemplos.✓ Métodos para superação da dormência de sementes.✓ Preparo de substrato caprino e bovino para produção de mudas de espécie florestal Flamboyant mirim.✓ Forma de plantio das sementes e o manejo cultural das mudas.	<p>Considerando os objetivos propostos, o desenvolvimento da oficina dar-se-á através de atividades diversificadas trabalhando em equipes e atividades extraclasse, proporcionando motivação, interação, dinâmica, no intuito de estimular os participantes, e de atividades que irão ajudá-los a assimilar o conteúdo abordado. A fundamentação teórica acontecerá de forma contextualizada, utilizando a observação e a interdisciplinaridade. No início da oficina, haverá uma apresentação dos participantes, onde eles dirão seu nome e o nome de uma árvore de espécie florestal. Na sequência apresentação da oficina e o objetivo.</p> <p>A fase inicial, começará a ser abordado o conteúdo da oficina, onde haverá uma paródia sobre o desmatamento das florestas, utilizando a melodia da música Asa Branca do cantor Luiz Gonzaga, após um debate.</p> <p>Serão apresentados os recursos que serão utilizados para iniciar o plantio das sementes nos recipientes, onde as sementes vão passar pela escarificação mecânica para facilitar a superação da dormência.</p> <p>Depois de escarificar as sementes, ocorrerá a mistura do substrato com o solo e o plantio.</p>	<p>Ao final, a avaliação será realizada de forma contínua, não apenas se centra no aluno, como também na equipe que intervém no processo.</p> <p>Todos os participantes irão finalizar o momento com uma palavra, sendo reflexiva no processo de ensino-aprendizagem.</p>

Referências:

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Regras para análise de sementes**. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Defesa Agropecuária. Brasília: Mapa/ACS, 2009.

http://www.agricultura.gov.br/assuntos/insumos-agropecuarios/arquivos-publicacoes-insumos/2946_regras_analise_sementes.pdf

EMBRAPA-Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Dormência em Sementes Florestais**. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/290718/1/doc40.pdf>. Acesso em: 17 Nov. 2018.

Marília d. Massad et al. **Desenvolvimento de mudas de flamboyant e ipê mirim em resposta a diferentes doses de Osmocote**. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/acsa/index.php/ACSA/article/viewFile/727/pdf>. Acesso em: 16 Nov. 2018.

DIAS, E. S. et al. **Produção de mudas de espécies florestais nativas: manual**. Campo Grande, UFMS, 2006. Disponível em: https://www.ufpb.edu.br/_/18-sementes-e-viveiros-florestais?Mudas+de+espécies+florestais+nativas. Acesso em: 16 Nov. 2018.

ANEXO B - Plano de aula de Juliana Barros



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Juliana Barros Gonçalves – 4º período – Estágio Curricular I – Profa Gil

PLANO DE AULA

Identificação:

DISCIPLINA: Estágio Curricular I

TEMPO DE AULA: 40 minutos

DATA: 26/11/2018

CURSO: Licenciatura em Ciências Agrícolas TURMA: 4º período

ASSUNTO DE AULA: Introdução ao Princípio Ativo de Plantas

OBJETIVOS	CONTEÚDO	PROCEDIMENTOS E RECURSOS DIDÁTICOS	AValiaÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> ❖ Compreender o que são plantas medicinais; ❖ Entender o que é o princípio ativo das plantas; ❖ Reconhecer a importância dos princípios ativos de plantas. 	<ul style="list-style-type: none"> → Breve definição de plantas medicinais; → Conceituação e definição de princípios ativos de plantas e sua classificação. → A importância dos princípios ativos e seus usos nas diversas áreas das Ciências Agrárias. 	<ul style="list-style-type: none"> - Cartolinas; - Pilotos; - Quadro e giz; - Varal, barbante e pegadores; - Tarjetas; - Amostras de plantas (folhas, galhos e sementes); - Exposição Dialogada; - Trabalho em grupo; - Poesia 	<p>Avaliação será realizada de forma formativa com a participação dos alunos através de perguntas geradoras para que explicitem o que compreenderam do assunto:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O que você entendeu? 2. O que mais te chamou atenção? 3. Em uma palavra destaque o que fixou do assunto.

REFERÊNCIAS:

BRANDELLI, C.L.C. Plantas Medicinais: Históricas e Conceitos. In: MONTEIRO, S.C.; BRANDELLI, C.L.C. **Farmacobotânica: Aspectos teóricos e Aplicação**. Porto Alegre: Artmed, 2017. Disponível em: <http://srvd.grupoa.com.br/uploads/imagensExtra/legado/MMONTEIRO_Siomara_Cruz/Farmacobotanica/Lib/Amostra.pdf> Acessado em: 23 de novembro de 2018.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. **Livro Xacriabá de Plantas Medicinais: Fonte de esperança e mais saúde**. Minas Gerais: Belo Horizonte, 1997. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002585.pdf>> Acessado em: 23 de novembro de 2018.

OLIVEIRA, A. Princípios ativos das plantas medicinais: ações terapêuticas. **Centro de Produções Técnicas**. Minas Gerais: Viçosa, sd. Disponível em: <<https://www.cpt.com.br/artigos/principios-ativos-das-plantas-medicinais-acoes-terapeuticas>> Acessado em: 23 de novembro de 2018.

ANEXO C - Plano de aula de Géssica Silva



Universidade Federal Rural De Pernambuco

Departamento de Educação / Licenciatura em Ciências Agrícolas

Plano de Aula

Educadora: Gilvânia Gonçalves

Facilitadora: Géssica Silva

Disciplina: Controle Biológico

Assunto: Manejo Ecológico do Ambiente (Controle Biológico)

Conteúdo	Situação didática	Indicadores de desempenho	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> -Introdução; - Histórico; - Tipos de Controle Biológico; - Controle Biológico no Manejo Integrado de Pragas (MIP); -Modalidades ou tipos de controle CB; -Exemplos de CB de sucesso -Agentes Entomopatogênicos 	<ul style="list-style-type: none"> - Exposição dialógica; - Cartolinas; -Tarjetas; - Cola; - Piloto. 	<ul style="list-style-type: none"> - Entender o que é Controle Biológico e IN; - Reconhecer a importância do controle biológico; - Compreender os tipos de CB; 	<ul style="list-style-type: none"> - Presença; - Participação/interação dos discentes em sala, através de questionamentos e estímulos para a construção do conhecimento.

Referências Bibliográficas

- ALVES, S.B & LOPES, R.B. Controle Microbiano de Pragas na América Latina. Avanços e desafios. Piracicaba, FEALQ, 2008, 414p.
- ALVES, S.B. Coord. Controle Microbiano de Insetos.2.ed. Piracicaba, FEALQ, 1998, 1163 p.
- GALLO, D., et al. Entomologia Agrícola. Piracicaba: FEALQ, 2002, 990p.

ANEXO D - Plano de aula de Tuanny Araújo

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Tuanny Araujo 4º Período- Estágio Curricular

Professora : Gil

PLANO DE AULA

Identificação:

Disciplina: Estágio Curricular I

Tempo de aula: 40 minutos Data: 03/12/2018

Curso: Licenciatura em Ciências Agrícolas Turma: 4º Período

Assunto de aula: Própolis e sua utilização.

CONTEÚDO	SITUAÇÃO DIDÁTICA	INDICADORES DE DESEMPENHO	AVALIAÇÃO
- Breve conceito da Própolis. -Onde encontrar e para que serve. -extração. -Beneficiamento.	<ul style="list-style-type: none">• Exposição dialogada.• Cartolina.• Piloto.• Preparo do extrato de Própolis.	-Reconhecer a importância da própolis. -Compreender os benefícios para o homem e para a abelha. - Entender o beneficiamento.	- Participação na prática do preparo. - Perguntas.

Referências: [apacame.org.br>artigo2](http://apacame.org.br/artigo2)

apimeabelhanativa.blogspot.com

ANEXO E - Plano de aula de Maysa Queiroz

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

PLANO DE AULA

IDENTIFICAÇÃO:

DISCIPLINA: Estágio Curricular I

ALUNA: Maysa Queiroz Pinto

TEMPO DE AULA: 40 minutos

CURSO: Licenciatura em Ciências Agrícolas

ASSUNTO: Princípios básicos dos Sistemas de Criação de Suínos

OBJETIVOS	CONTEÚDO	PROCEDIMENTOS E RECURSOS DIDÁTICOS	AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none">• Conhecer diferentes formas de criação de suínos.• Identificar os tipos de raças para cada sistema de criação.• Entender que é possível criar suínos promovendo o bem-estar.	-Introdução sobre a importância da suinocultura. -Princípios básicos sobre a criação Intensiva, semi-intensiva e extensiva de Suínos. -Raças para cada sistema de criação -Diferenças entre o Siskon e o Siscal.	- Tarjetas em cartolina. - Exposição dialogada. - Maquete. - Imagens impressas.	- Perguntas sobre a diferenciação dos sistemas de criação. - Pedir para escolherem a melhor instalação para cada animal das imagens.

REFERÊNCIAS:

BRASIL, EMBRAPA SUÍNOS E AVES. **Sistemas de Produção:** Produção de Suínos. 2003. Disponível em: <<http://www.cnpsa.embrapa.br/SP/suinos/importancia.html>> Acesso em: 28 nov. 2018.

SARTOR, V., SOUZA, C. F., TINOCO, I. F. F. **Informações básicas para projetos de construções rurais:** Instalações para suínos. Universidade Federal de Viçosa – Viçosa, 2004. Disponível em: <<http://arquivo.ufv.br/dea/ambiagro/arquivos/suinos.pdf>> Acesso em: 28 nov. 2018.

ANEXO F - Plano de aula de Carlos Lima



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

PLANO DE AULA

Identificação:

DATA: 10/12/2018
DISCIPLINA: Agrossilvicultura
DURAÇÃO DA AULA: 40 minutos
PROF: Carlos Roberto de Lima
ASSUNTO DE AULA: Agrofloresta

OBJETIVOS	CONTEÚDO	PROCEDIMENTO E RECURSOS DIDÁTICOS	AValiação
<ul style="list-style-type: none"> Compreender o que é Agrofloresta; Reconhecer a importância da agrofloresta no Semiárido; Entender como se planeja uma Agrofloresta no Semiárido; Conhecer o calendário Agrícola e Lunar. 	<ul style="list-style-type: none"> Conceituação e definição de Agrofloresta; A importância da agrofloresta no semiárido; Descrição dos pontos de um planejamento agroflorestal; Demonstração dos plantios de cada mês. 	<ul style="list-style-type: none"> Livro; Xerox; Tarjetas; Piloto; Áudio; Banana, batata doce e inhame; Folhas e flores de árvores florestais. 	<p>Avaliação formativa com a participação e interação dos alunos e perguntas sobre o assunto da aula.</p>

REFERÊNCIA:

SOUZA, J. E.; SILVA, A. F. *Agricultura Agroflorestal ou Agrofloresta*. Recife: Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá, 2008, 24p.

ANEXO G - Plano de aula de Rubia de Melo



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

RUBIA DE MELO GOMES

PLANO DE AULA

Identificação:

Disciplina: Estágio Curricular I
Tempo de Aula: 40 minutos Data: 10/12/2018
Curso: Licenciatura em Ciências Agrícolas Turma: 4º período
Assunto da Aula: O que são as Áreas de Preservação Permanente - APPs no novo Código Florestal Brasileiro

OBJETIVOS	CONTEÚDO	PROCEDIMENTOS E RECURSOS DIDÁTICOS	AValiação
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Compreender o que são Áreas de Preservação Permanente - APPs; ✓ Entender o que o novo Código Florestal Brasileiro aborda sobre as Áreas de Preservação Permanente - APPs; ✓ Reconhecer a importância das Áreas de Preservação Permanente. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Definição do que é uma Área de Preservação Permanente; ✓ Breve histórico sobre o Código Florestal Brasileiro; ✓ A importância de se preservar as Áreas de Preservação Permanente - APPs. 	<ul style="list-style-type: none"> - Cartolinas; - Piloto; - Maquete; - Targetas; - Trabalho em grupo 	<p>Avaliação será realizada de forma formativa com a participação dos alunos (as) através do jogo de montagem tipo quebra cabeça referente a delimitação de uma Área de Preservação Permanente - APP.</p>

REFERÊNCIAS:

AGÊNCIA CÂMARA. **Código Florestal: entenda o histórico da legislação ambiental brasileira**, 20 de novembro de 2012. Disponível em: <<https://canalrural.uol.com.br/sites-e-especiais/codigo-florestal-entenda-historico-legislacao-ambiental-brasileira-34196>> Acessado em: 05 de dezembro de 2018.
BRASIL. Lei nº 12.651 de 25 de maio de 2012. Brasília: **Diário Oficial da União, 28 de maio de 2012**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm> Acessado em: 05 de dezembro de 2018.
EMBRAPA. **Área de Preservação Permanente (APP)**. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/codigo-florestal/entenda-o-codigo-florestal/area-de-preservacao-permanente>> Acessado em 05 de dezembro de 2018.

ANEXO H - Plano de aula de Adalberto Silva



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PLANO DE AULA

Disciplina: Estudos Ambientais
Tempo de Aula: 40 minutos
Curso: Ciências Florestais Turma: 4º período
Professor: Adalberto Francisco da Silva Júnior
Assunto: A importância da Cobertura Vegetal para o Solo

Objetivos	Conteúdos	Recursos Didáticos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> → Compreender o que é cobertura vegetal; → Reconhecer os diferentes tipos de cobertura vegetal; → Entender as principais consequências da retirada da cobertura vegetal do solo. 	<ul style="list-style-type: none"> → Importância e funções da cobertura vegetal; → Tipos de coberturas do solo; → Impactos gerados a partir da retirada da vegetação. 	<ul style="list-style-type: none"> → Fotografias de áreas degradadas e preservadas; → Duas Cartolinas; → Cola; → Tarjetas; → Piloto; → Banner 	<ul style="list-style-type: none"> → Participação dos alunos em sala de aula; → Presença; → Confeção de um mural com áreas degradadas e outro com áreas preservadas.

Referências:

- Cultivo Orgânico. A cobertura do solo é muito importante para as plantas. Disponível em <file:///C:/Users/adalb/Downloads/impressão%201%20.pdf>. Acessado em 10 de dezembro de 2018.
- MEDEIROS, C. et al. Falta de cobertura vegetal e suas consequências. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:etcDduI-_yoJhttps://editorarealize.com.br/revistas/condis/trabalhos/TRABALHO_EV074_MD1_SA12_ID304_021020_1723_554_8.pdf-&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acessado em 10 de dezembro de 2018.

ANEXO I - Plano de aula de Maria Lins

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

PLANO DE AULA

Identificação:
DATA: 17/12/2018
DISCIPLINA: Bioconstrução
DURAÇÃO DA AULA: 40 minutos
PROFª: Maria Gabriela Freire Lins
ASSUNTO DE AULA: Introdução a bioconstrução

OBJETIVOS	CONTEÚDO	PROCEDIMENTO E RECURSOS DIDÁTICOS	AValiação
<ul style="list-style-type: none"> • Compreender os fundamentos da bioconstrução; • Debater a utilidades da bioconstrução; • Conhecer algumas técnicas bioconstrutivas; • Entender a importância da bioconstrução no cenário atual; 	<ul style="list-style-type: none"> • Fundamentos da bioconstrução; • Manejo e função do bambu; • Manejo e função do barro; • Alguns tipos de bioconstrução: adobe, superadobe, pau-a-pique, círculo de bananeiras. 	<p>Primeiro momento: xerox de um texto, tarjetas e fotos Durante a aula: pedaço de bambu; garrafa de vidro, palha, tronco; último momento: pilot e cartolina.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Perguntas durante a aula; • Construção de um croqui de um sítio a partir das ideias debatidas em aula.

Referências bibliográficas:

- CANTARINO, Carol. Bioconstrução combina técnicas milenares com inovações tecnológicas. **Inovação Uniemp**, v. 2, n. 5, p. 46-47, 2006.
- Brasil. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Extrativismo e Desenvolvimento Rural Sustentável. Departamento de Desenvolvimento Rural Sustentável. Curso de Bioconstrução. Texto elaborado por: Cecília Prompt - Brasília: MMA, 2008.

ANEXO J – Plano de aula de Maria Lins do ECO II

Plano de aula

- Identificação

Instituição: Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas - CODAI

Curso: Técnico em agropecuária

Componente curricular: Culturas Regionais 1

Tema da aula: Sistemas agroalimentares e as culturas regionais

Professora: Maria Gabriela Freire Lins

- Objetivos

Objetivo Geral: Introduzir no debate acerca das culturas regionais estudadas correlacionando-as com os sistemas agroalimentares, de forma a discutir produção, alimentação e política;

Objetivos Específicos:

- Debater sobre os sistemas agroalimentares;
- Construir o que são culturas regionais e o que relaciona o cultivo da terra às características populares locais (manifestações culturais)
- Elencar os fatores que interferem na diversidade dos cultivos;
- Relacionar produção, alimentação e política.
- Listar quais são as culturas regionais agrícolas conhecidas;
- Problematicar segurança e soberania alimentar e nutricional
- Construir um pequeno trabalho coletivo;

- Metodologia

Aula dialogada, expositiva, participativa.

- Recursos Didáticos

Quadro e piloto

Tarjetas

Imagens

Cartolina

Bandeja

- Avaliação

Construir um pequeno corpo humano, em cartolina, representando “o que queremos com a nossa alimentação?”, “eu sou o que como?”

9. APÊNDICES

APÊNDICE A

Plano de aula

Clara Almeida

Assunto: Manejo de recém nascidos de grandes animais (equinos, bovinos, caprinos, ovinos)

Conteúdo	Situação didática	Indicadores de desempenho	Avaliação
-Fornecimento de colostro -Cura do umbigo -Preparo de tintura	Exposição dialogada Tarjetas Preparo de tintura de aroeira	-Reconhecer a importância do colostro. -Saber realizar a cura do umbigo -Reconhecer importância dos remédios naturais	Através da participação na exposição dialogada e de perguntas feitas aos alunos

Referências:

JACKSON, P. G. G. **Obstetrícia Veterinária**. São Paulo: Roca, 2006. 328 p.

LANG, André et al. Imunidade passiva em equinos: Comparação entre a concentração de IgG do soro materno, colostro e soro do neonato. **Ceres**, v. 54, n. 315, 2015. Disponível em: <<http://www.ceres.ufv.br/ojs/index.php/ceres/article/view/3256>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

MEIJER, A et al. *Chlamydophila abortus* infection in a pregnant woman associated with indirect contact with infected goats. **European Journal of Clinical Microbiology & Infectious Diseases**, v. 23, n. 6, p. 487-490. 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s10096-004-1139-z>>. Acesso em: 16 nov. 2018

PRESTES, N. C; LANDIM-ALVARENGA, F. C. **Obstetrícia Veterinária**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 241 p.

SIMÕES, S. V. D. et al. Imunidade passiva, morbidade neonatal e desempenho de cabritos em diferentes manejos de colostro. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 25, n. 4, p. 219-224, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pvb/v25n4/a06v25n4>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

SILVA, T. G. P. et al. Substituição do iodo por fitoterápicos no tratamento do coto umbilical de cabritos. **Archivos de zootecnia**, v. 67, n. 258, p. 284-287, 2018. Disponível em: <<https://www.uco.es/ucopress/az/index.php/az/article/view/3665/2260>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

SMITH, B. P. **Medicina interna de grandes animais**. São Paulo: Manole, 2006. 1728 p.

APÊNDICE B - Itinerário pedagógico de Clara Almeida

ITINERÁRIO PEDAGÓGICO

OBJETIVO	DURAÇÃO	MÉTODO	MATERIAL NECESSÁRIO
Lançar o tema e construir a definição do termo Boas Práticas de Fabricação (BPF) e sua importância.	13 min.	Perguntar aos alunos o que seriam BPF e sua importância na indústria de alimentos, conceituando perigos e alterações microbiológicas dos alimentos	Quadro e piloto
Refletir sobre os itens necessários ao programa de BPF	3 min.	Perguntar aos alunos exemplos de situações em que se utiliza das BPF	tarjetas
Desenvolver a compreensão da importância e como deve ser feito o controle de pragas e da matéria prima.	4 min.	partir das perguntas: As BPF devem acontecer apenas durante o processamento dos alimentos? Tem problema ter animais nas agroindústrias?	
Refletir como são as instalações adequadas para a manipulação de alimentos	3 min.	Perguntar aos alunos se a sala de aula poderia ser usada para manipular alimentos contaminação cruzada	elementos da própria sala: lâmpadas, porta, piso, paredes, teto.
Refletir sobre a higiene pessoal dos manipuladores de alimentos.	6 min.	Perguntar aos alunos se as pessoas que lidam com os alimentos são importantes nesse processo e exemplos do porquê	objetos: brincos, colar, anel, celular, touca, luvas, máscara.

APÊNDICE C - Plano de aula de Clara Almeida do ECO II

Plano de aula

IDENTIFICAÇÃO:

Instituição: Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas - CODAI

Curso: Técnico em alimentos

Componente Curricular: Programas (Boas Práticas de Fabricação)

Tema da aula: Introdução às Boas Práticas de Fabricação - Definições

Professora: Clara Almeida de Albuquerque

OBJETIVOS

Objetivo Geral: Desenvolver a compreensão do que são Boas Práticas na fabricação de alimentos e sua importância

Objetivos específicos:

- Lançar o tema e construir a definição do termo Boas Práticas de Fabricação (BPF) e sua importância.
- Refletir sobre os itens necessários ao programa de BPF
- Desenvolver a compreensão da importância e como deve ser feito o controle de pragas e da matéria prima.
- Refletir como são as instalações adequadas para a manipulação de alimentos
- Refletir sobre a higiene pessoal dos manipuladores de alimentos.

METODOLOGIA

- Exposição dialogada
- Exercício no final da aula

RECURSOS DIDÁTICOS

- Quadro e piloto
- tarjetas
- elementos da própria sala: lâmpadas, porta, piso, paredes, teto.
- objetos: brincos, colar, anel, celular, touca, luvas, máscara.

AVALIAÇÃO

Será feita através de exercício no final da aula no qual os alunos darão exemplos de medidas de Boas Práticas de Fabricação

APÊNDICE D – Plano de aula de Clara Almeida do ECO III

Plano de aula

IDENTIFICAÇÃO:

Instituição: Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas – CODAI

Professora: Clara Almeida de Albuquerque

Curso: Técnico em Agropecuária

Componente curricular: Higiene, Limpeza e Sanitização na Agroindústria

Turma: 4º período

Data 19/08/2020

Duração da hora-aula: 50 minutos

Tema da aula: Qualidade da água na agroindústria

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Importância da água na indústria de alimentos

Características da água

Cuidados no abastecimento

Tipos de poluição da água

Tratamento e descarte de efluentes

OBJETIVOS:

Objetivo geral: Aprender a importância da água na indústria de alimentos

Objetivos específicos:

- Conhecer as características da água
- Conhecer os cuidados no abastecimento
- Aprender os tipos de poluição da água
- Aprender como é feito o tratamento de efluentes.

METODOLOGIA

- Videoaula

RECURSOS DIDÁTICOS

- Apresentação de slides com áudio
- Atividade de pesquisa
- Questionário

AValiação:

- pesquisa a ser realizada pelos alunos
- Questionário sobre o tema da aula

REFERÊNCIAS

ARRUDA, V. C. M. de. Tratamento anaeróbio de efluentes gerados em matadouros de bovinos. 2004. 128 p. Dissertação (mestrado). Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife

BRASIL, Portaria de Consolidação nº 5 de 28 de setembro de 2017. Consolidação das normas sobre as ações e os serviços de saúde do Sistema Único de Saúde. Diário Oficial da União, Brasília, nº 190, seção 1, p. 360.

CONSULTORA DE ALIMENTOS. Qualidade da água usada na indústria de alimentos. 2017. Disponível em: <<https://consultoradealimentos.com.br/boas-praticas/qualidade-agua-industria-alimentos/>>. Acesso em 15 ago. 2020.

DEZ mil litros de sangue bovino mancham Rio Vermelho em Goiás. Veja, 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/dez-mil-litros-de-sangue-bovino-mancham-rio-vermelho-em-goias/>>. Acessado em 15 ago. 2020

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. Conservação e reuso da água: Manual de Orientações para o Setor Industrial. 2004. 92 p.

PORTAL EDUCAÇÃO. Água na indústria de alimentos. Disponível em: <<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/farmacia/agua-na-industria-de-alimentos/57760>>. Acesso em 15 ago. 2020.

REGUEIRA, C. Cheiro e gosto ruins na água do RJ não foram por geosmina, segundo análises da UFRJ. G, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/04/cheiro-e-gosto-ruins-na-agua-do-rj-nao-foram-causados-pela-geosmina-segundo-analises-da-ufrj.ghtml>>. Acessado em 15 ago. 2020.

SILVA, G., DUTRA, P. R. S., CADIMA, I. M. Higiene na indústria de alimentos. EDUFRPE, 2010. 134 p.

THEBALDI, M. S. et al. Qualidade da água de um córrego sob influência de efluente tratado de abate bovino. **Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental-Agriambi**, v. 15, n. 3, 2011.

Dados sobre o estagiário

- Curso de origem: Bacharelado em Medicina Veterinária
- Endereço: Rua Otaviano Pessoa Monteiro, 257, Casa Caiada, Olinda - PE
- Telefone: (81) 99810-8751
- E-mail: clara.albuquerque.96@gmail.com

Recife, 21 de outubro de 2020

X

Assinatura do estagiário

X

Assinatura da professora orientadora do ECO I e ...

X

Assinatura da professora orientadora do ECO II e ...

X

Assinatura da professora orientadora do ECO III e ...